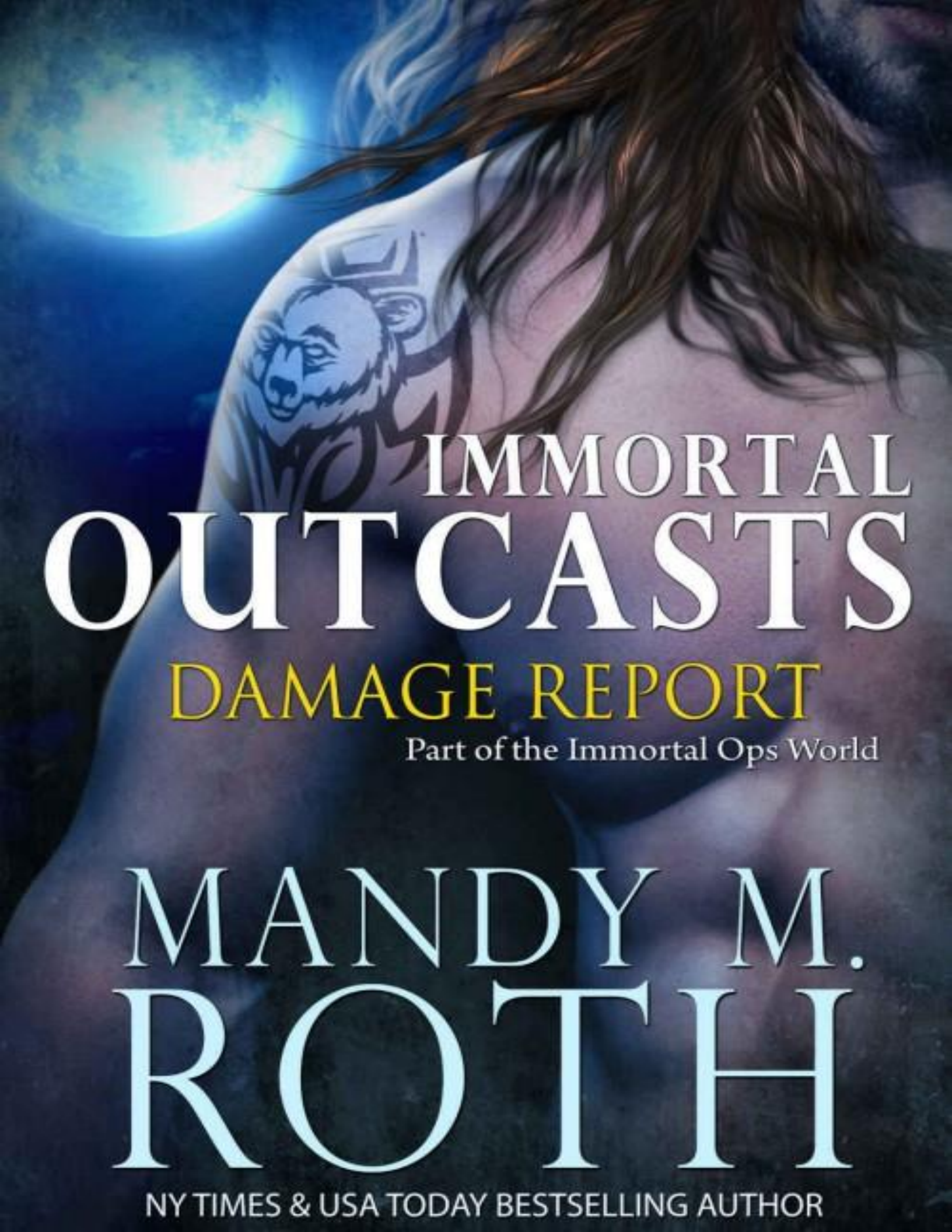


The background of the cover features a woman with long, dark, wavy hair. On her left shoulder, there is a tattoo of a bear's head wearing a crown. In the upper left corner, a bright, glowing blue orb, resembling a full moon or a magical light source, is partially visible against a dark, starry sky.

IMMORTAL OUTCASTS

DAMAGE REPORT

Part of the Immortal Ops World

MANDY M.
ROTH

NY TIMES & USA TODAY BESTSELLING AUTHOR





AVISO 1

Essa tradução foi feita pelos grupos Shifter's Homeland e Flor de Lótus de forma a proporcionar ao leitor o acesso à obra, motivando-o a adquirir o livro físico ou no formato e-book.

Os grupos têm como objetivo a tradução de livros sem previsão de lançamento no Brasil, não visando nenhuma forma de obter lucro, direto ou indireto.

Para preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, os grupos, sem aviso e se assim julgar necessário, retirará do arquivo os livros que forem publicados por editoras brasileiras.

O leitor e usuário fica ciente que o download dos livros se destina, exclusivamente, para uso pessoal e privado, sendo proibida a postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, assim como a divulgação do trabalho do grupo, sem prévia autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado, também responderá individualmente pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito por aquele que, por ação ou omissão, tentar ou utilizar o presente livro para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do Código Penal e da Lei 9.610/1988.



AVISO 2

Nunca comente com o autor ou seus conhecidos que leu o livro do mesmo em português, e muito menos envie o arquivo ou cite o nome do grupo que fez a tradução.

Se quer continuar a ter acesso aos livros que não tem nenhuma previsão de lançamento no Brasil, mantenha sua boca e dedos calados.

Respeite o nosso trabalho voluntário e se realmente quiser ajudar o autor, compre um livro dele para contribuir, os autores vivem disso e temos que a fazer nossa parte. Você pode adquirir no formato e-book em vários sites oficiais, assim vai ajudar o grupo e aos nossos amados autores.

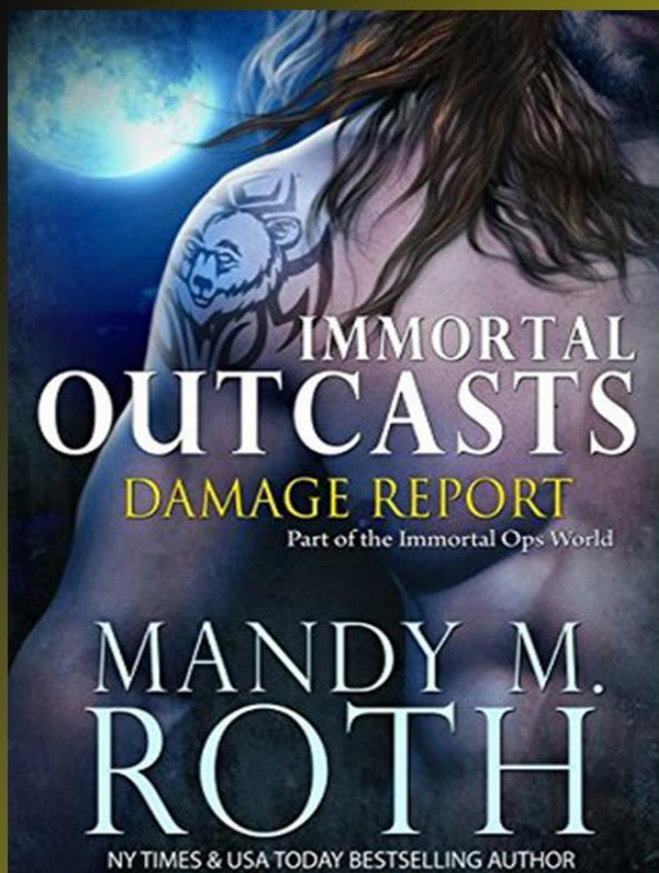
Não publique nossas traduções em Sites, Wattpad, Facebook, Blogger ou qualquer lugar público na internet.

Faça sua parte e terá leitura por muito tempo!

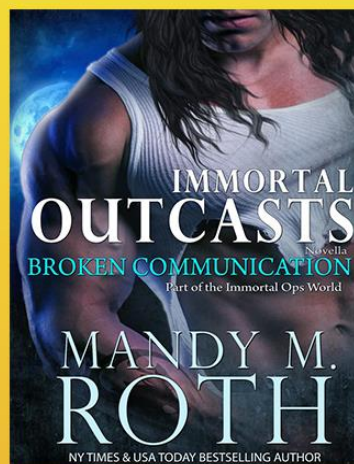
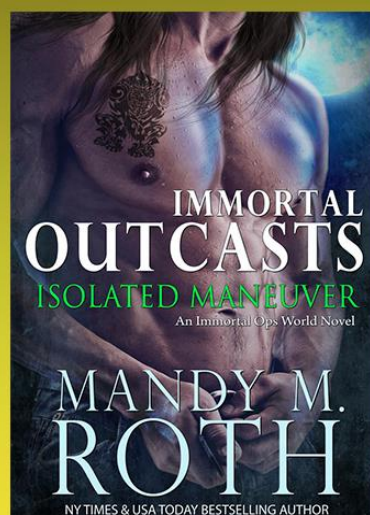
Série by Mandy M. Roth

IMMORTAL OUTCASTS

LANÇAMENTO



PRÓXIMO



DISTRIBUÍDO

PARCERIA



EQUIPE DE TRADUÇÃO

TRADUÇÃO: GATA BORRALHEIRA
REVISÃO INICIAL: BEC E DANIELE
REVISÃO: VIOLET JONES
LEITURA FINAL: NITA OLIVER
FORMATAÇÃO: BEC DEVERAUX

Membros da Equipe Immortal OPS

Lukian Vlakhusha: Alpha-Dog-One. Capitão da equipe, shifter lobo, Rei dos Lycans. Livro: Immortal Ops (Immortal Ops).

Geoffroi (Roi) Majors: Alpha-Dog-Two. Segundo-em-comando, shifter lobo, como irmão para Lukian. Livro: Inteligência Crítica (Immortal Ops).

Doutor Thaddeus Green: Bravo-Dog-One. Cientista, tech guru, shifter pantera. Livro: Radar Decepção (Immortal Ops).

Jonathon (Jon) Reynell: Bravo-Dog-Two. Atirador, shifter tigre. Livro: Zona de Separação (Immortal Ops).

Wilson Rousseau: Bravo-Dog-Three. Residente inteligente, shifter rato. Livro: Vulnerabilidade estratégica (Immortal Ops).

Eadan Daly: Alpha-Dog-Three. PSI-Op e manipulador em empréstimo ao I-Ops para completar a equipe, Fae. Livro: Tactical Magik (Immortal Ops).

Lance Toov: Shifter pantera, o status atual é desconhecido.

Coronel Asher Brooks: Chefe das Operações e pessoa do ponto para a equipe Immortal Ops. Livro: Controle Administrativo (Immortal Ops).

Operadores Paranormais de Segurança e Inteligência (PSI)

General Jack C. Newman: Diretor de Operações da Divisão norte-americana PSI, shifter leão. Pai adotivo de Missy Carter-Majors.



Duke Marlow: PSI-Operative, shifter lobo. Livro: Ato da Misericórdia (PSI-Ops).

Doutor James (Jimmy) Hagen: PSI-Operative, shifter lobo. Tomou um hiato de dez anos da PSI. Livro: Act of Surrender (PSI-Ops).

Atacante (Doug) McCracken: PSI-Operative, shifter lobo

Miles (Boomer) Walsh: PSI-Operative, shifter pantera. Livro: Ato de apresentação (PSI-Ops).

Capitão Corbin Jones: coordenador de operações e capitão da PSI-Ops Team Five, shifter leão. Livro: Ato de comando (PSI-Ops).

Malik (Tut) Nasser: PSI-Operative, (PSI-Ops).

Coronel Ulric Lovett: Diretor de Operações, Divisão PSI-Londres.

Dr. Sambora: PSI- Operativo, (PSI- Ops).

Desaparecidos imortais

Casey Black: assunto de teste de I-Ops, shifter lobo. Livro: comunicação quebrada.

Weston Carol: assunto de teste I-Ops, shifter urso. Livro: relatório de danos.

Bane Antonov: assunto de teste I-Ops, shifter gorila. Livro: Manobra isolada.

Agentes de sombra

Bradley Durant: PSI-Ops: Agente da Divisão das sombras, shifter lobo. Livro: Wolf's Surrender



Ezra: PSI-Ops: Agente da Divisão das sombras, shifter dragão.

César: PSI-Ops: Agente da Divisão das sombras, shifter lobo.

Crimson Sentinel Ops Division

Bhaltair: Crimson-Ops: Fang Gang, vampiro. Livro: Midnight Echoes.

Labrainn: Crimson-Ops: Fang Gang, vampiro.

Auberi Bouchard: Crimson-Ops: Fang Gang, vampiro.

Reguladores Paranormais

Stamatis Emathia: regulador paranormal, vampiro.

Whitney: regulador paranormal, shifter lobo.

Diversos

Culann do Conselho: pai para Kimberly; fodão Fae.

Pierre Molyneux: Mestre vampiro inclinado a criar uma raça de supersoldados. Esconde-se atrás de ser um comerciante de arte famoso para lavar dinheiro.

Gisbert Krauss: cientista louco que quer criar uma raça mestre de sobrenaturais.

Walter Helmuth: chefe do subterrâneo paranormal de Seattle. Em liga com Molyneux e Krauss.

Dr. Lakeland Matthews: cientista, papel vital na criação de uma equipe bem-sucedida de Immortal Ops. Pai para Peren Matthews.



Dr. Bertrand: cientista louco com Donavon Dynamics Corporation
(The Corporation).



Sumário

Sinopse	11
Capítulo Um.....	12
Capítulo Dois.....	28
Capítulo Três	39
Capítulo Quatro	47
Capítulo Cinco	57
Capítulo Seis.....	72
Capítulo Sete	79
Capítulo Oito	88
Capítulo Nove	95
Capítulo Dez	102
Capítulo Onze	110
Capítulo Doze	115
Fim.....	117



Sinopse

Weston Carol (shifter urso), é um super soldado geneticamente alterado que só quer voltar à sua vida solitária fora das grades. Após ajudar a resgatar a companheira de seu ex-colega de equipe, ele fez sua boa ação pela próxima década. Agora simplesmente quer se retirar para a floresta onde pode sair do radar daqueles que querem matá-lo.

Então chegam notícias de que existe uma donzela em perigo e ele tem que resgatá-la. Ele acreditando ou não, ela é o seu futuro, mas ele não está preparado para conhecer sua companheira. Faz muito tempo desde que deu atenção as suas necessidades viris. Agora, estando muito tempo sem mudar, ele é uma bagunça mal-humorada a beira de perder o controle do seu lado urso. Uma pequena parada no caminho não deveria interferir muito com o destino, certo?

Capítulo Um

Se Weston Carol não mudasse para urso em breve, ele iria arrancar a cabeça de alguém e, possivelmente, comer a cabeça com ossos e tudo. Ele não se importava muito em tirar ossos de seus dentes por semanas. Não seria a primeira vez. E com certeza no inferno não seria a última. Sua vida tinha sido longa e difícil. Havia coisas em seu passado de que ele não se orgulhava, e coisas em seu futuro de que certamente voltaria a se arrepender.

Ele estava cansado, precisava mudar de forma, estava com fome e queria sexo. Ele nem sequer tinha a certeza em que ordem precisava que essas coisas acontecessem, só que tudo precisava acontecer. A mudança estava ganhando. No entanto, teria apostado dinheiro em seu pau, que precisava de uma rapidinha antes de tudo. E adivinha, o urso nele tinha outros planos.

Seu urso era um idiota.

Acrescente a isso, o fato de ele estar esgotado e não ter dormido direito por semanas por causa de sonhos perturbadores, portanto, Weston era praticamente um urso furioso esperando para explodir. Ele esfregou a mandíbula, suas mãos se movendo sobre sua barba bem cortada. Ele nunca tinha sido um desses tipos de rapazes depilados. Não era dele. Mesmo antes de se tornar um shifter.

Muita coisa mudou após o teste. Mas seus hábitos de vida não eram um deles. Nem os sonhos. Ele teve esses sonhos desde que podia se lembrar, mas o que quer que tenham feito com ele há anos atrás, os fez ficar muito mais intensos.

Intensos e horríveis.

Fechando os olhos por um momento, relaxou e pensou em um dos sonhos que foram



apaixonados e estranhamente aterrorizantes. Aquele com a mulher sem rosto. Ele podia vê-la de costas, com o cabelo comprido e solto indo em todas as direções, encaracolado e glorioso, feito para que um homem passasse os dedos por ele. E ele podia sentir o cheiro dela.

Morangos e creme.

O cheiro ficou grudado em seu olfato e cérebro. Ele queria envolver-se nele. Sua boca estava cheia de desejo quando abriu os olhos, a atenção dele nas madeiras a sua frente. Ele não conseguiu manter sua vida como era, seus sonhos estavam tentando lhe dizer algo. Ele passou décadas ficando fora do radar de pessoas que queriam estudá-lo ou matá-lo, e havia colocado tudo em risco para ajudar um amigo. Alguém que ele considerava como um irmão.

Weston procurou Casey Black, um colega de Outcast Imortal, e até ajudou a companheira do cara. Quando os sonhos de Weston o levaram a acreditar que a amiga de Casey, Harmony, seria levada para um cativeiro e morta, ele descobriu que não poderia mais ficar escondido. Ele teve que fazer algo para tentar impedir que os sonhos se tornassem realidade. Ele tinha ajudado. Quando acabou, ela estava viva e ilesa, mas ele tinha chegado um pouco atrasado para a festa, por assim dizer, e ela tinha sido raptada. Isso o deixou sem escolha senão deixar-se ser capturado também, para ter certeza de que seria levado diretamente para ela, como aconteceu. Ele foi drogado, acorrentado e preso, novamente.

Embora não por muito tempo.

Como ele se permitiu ser capturado, sempre controlou a situação, pelo menos até certo ponto. Ele teve que rir dos homens que haviam tentado mantê-lo preso. Que brincadeira. Eles eram do tipo que provavelmente tiveram problemas para pegar e manter um rato em uma jaula quando eram pequenos.

Idiotas.

Weston fez sua devida diligência. Ele ajudou outro Outcast. Pagou alguns bons pecados



antecipadamente. Agora, seu trabalho estava terminado e ele não precisava mais ficar na área. Com Harmony segura em casa, os sonhos deveriam ter diminuído ou, pelo menos, parado por algum tempo. No passado, uma vez que o perigo acabava, ele sempre tinha um descanso.

Mas dessa vez não foi assim, os sonhos com Harmony terminaram apenas para que novos e mais confusos comesçassem, e eles começaram justamente enquanto Weston foi drogado e mantido cativo. O sedativo que deram era bem mais eficaz que o que ele conhecia. No entanto, não entendeu como ou por quê.

Os sonhos trouxeram com eles o sentimento horrível de que algo ruim estava para acontecer com alguém que ele amava. Mas como não amava ninguém, isso em si já era confuso. Só podia ser a garota com cheiro de morango e creme. Ele nunca foi impedido de poder ver um rosto em seus sonhos, mas o dela era uma máscara para ele. Quem quer que fosse, ele tinha uma forte sensação de que ela estava com problemas ou estava prestes a ter, mas não tinha mais detalhes, além disso. Não importava quantas vezes ele tentasse sonhar com ela, toda a informação que tinha conseguindo enquanto estava dormindo não era muita.

— Um dos presentes que me deram. Deveria ter guardado o meu recibo para exigir um reembolso. — Disse entre os dentes cerrados, pensando nos cientistas que o transformaram no que era hoje. Eles haviam fodido com ele e com outros como ele.

Grande momento.

E não havia a quem se queixar. As pessoas que tinham feito isso com ele não existiam no papel. Eles eram fantasmas. Homens como eles haviam estado por aí todos os dias, submetendo as pessoas a atrocidades, tudo em nome da ciência. Vários cientistas do programa Ops quando começaram eram monstros verdadeiros em todos os sentidos da palavra. Ao longo das décadas, novos foram trazidos. Alguns que tinham visões de um objetivo



final, mas não estavam dispostos a matar para chegar nele. Weston entendeu que nem todos os envolvidos no programa eram malignos. E apesar de tudo o que tinha passado, ele entendeu a necessidade de homens como ele, soldados que poderiam se transformar em animais ou algo mais. Isso não diminuía os horrores de tudo que suportou.

Os testes intermináveis, as dolorosas operações, os empurrões e, no final, o que só poderia ser rotulado como tortura, antes que eles tentassem matá-lo.

Tudo isso teve um impacto sobre ele.

Deixou de querer fazer parte da sociedade e quis somente permanecer sozinho. Depois de escapar das garras deles, começou a estudar e aprender sobre a história de programas similares. Era incrível a quantidade de informações documentadas em livros e revistas antigas. Poucas informações foram divulgadas para o público. E quando encontrou contatos no submundo, ele encontrou ainda mais informações.

Foi assustador como o inferno ver quantas vezes esses testes foram feitos, alguns até conhecidos em todo o mundo, como Ilya Ivanov e suas tentativas de exército de macas. Ivanov tinha sido um dos cientistas de Hitler, e ele e tantos outros, haviam participado do que seria mais tarde chamado de Eugenia Nazi e as tentativas de criar uma raça mestre. Os nazistas não eram os únicos infratores. Weston era uma prova viva do quão envolvida a América tinha estado, e na verdade provavelmente ainda estava.

Ele não acreditou por um segundo que pararam seus programas de criar super-soldados. Eles simplesmente se aprimoraram em escondê-lo. Outros países mantiveram suas tentativas fora dos papéis e fora da vista dos humanos, mas os supernaturais conheciam a verdade. Sabiam que os programas e testes estavam lá fora. Sabiam que as pessoas ainda estavam tentando se fazer de Deus e que estavam falhando de formas inimagináveis.



Gisbert Krauss foi apenas um dos autores principais de algumas das novas criações, como os híbridos que Weston enfrentou mais de uma vez no ano passado. Pelo que lhe disseram, muitos dos híbridos começaram como supernaturais de sangue puro, e depois que Krauss e sua equipe de cientistas terminaram com eles, eles eram oficialmente monstros. Misturas de tantas coisas, alguns deles já não se parecem humanos.

Weston estremeceu.

Não, obrigado.

Ser parte urso já era ruim o suficiente. Sua pele queimava com a necessidade de mudar, e como ele estava atualmente sozinho, o sexo teria que esperar. Masturbar-se nunca tinha sido sua maneira favorita de alívio. Ele preferia uma garota quente, mas já tinha recorrido a sua mão quando não tinha outra opção. O que aconteceria em breve, e era a razão do porque ele estava indo embora.

Ele tinha sido incapaz de vagar livre na forma de urso por semanas e não poderia demorar mais um dia. Ele guiou o caminhão para o lado da estrada perto de uma grande extensão de nozes pretas e um barranco profundo, saindo logo em seguida, todo o seu corpo estava tenso. Ele não podia dizer se queria mudar de forma ou simplesmente ir caçar e matar. No momento, ambos estavam no topo. Isso nunca era um bom sinal quando você estava fazendo o seu melhor para ser um cidadão de bem e justo.

Ele quase riu da ideia de ser mais santo do que Hardly.

Ele tinha ido na igreja durante sua vida, mais de uma vez, mas isso antes que ele se tornasse o que era agora. Antes que os cientistas militares e governamentais tentassem desempenhar o papel de Deus. Antes que ele acabasse compartilhando seu corpo com um urso mal-humorado que, quando não conseguia o que queria, ficava completamente louco. Embora com toda a justiça, ele aparentemente estava escondendo os genes necessários para mudar de forma em algum lugar profundo em sua herança



genética, e por isso ele foi um sucesso onde tantos outros tinham sido um fracasso. Mas os cientistas não conseguiram parar por aí, eles nunca estavam satisfeitos. Não, eles queriam ainda mais, melhor ainda, eles os fizeram sobrenaturais.

Um metamorfo com os poderes de um urso, um lobo e um tigre, todos envoltos em um só. Ele não conseguia se transformar para um lobo ou tigre, mas ele carregava vestígios desses animais em seu DNA. E isso não era tudo, tinha outras habilidades também. Assim, ele nasceu devido aos cientistas que queriam melhorar soldados para servir a propósitos próprios. Ainda assim, não tinha funcionado como planejado. Ele não se tornou um salvador para o mundo ou mesmo para o seu país. Inferno, ele nem sequer era algo que eles poderiam usar. Tinham deixado ele de lado, e depois tentaram eliminá-lo. Aparentemente, eles não poderiam ter um soldado-urso imprevisível correndo por aí. Especialmente um com o dom da previsão.

Ele tinha feito bem em se manter fora do radar e simplesmente viver sua vida. Ele conseguia obter um lucro decente, cobrando dinheiro para utilizar seu conjunto de habilidades. A maioria dos empregos era para pessoas desagradáveis, fazendo coisas ilegais, mas o dinheiro era verde e valia do mesmo jeito. Além disso, ninguém pedia documentos ou o fazia preencher formulários governamentais. Apenas o deixaram fazer o trabalho e sair. Sem confusões.

Era perfeito.

— Eu sou uma arma pronta para ser contratada. — Ele disse suavemente com um ligeiro sobressalto, e odiando dizer isso em voz alta. Ele nunca quis praticar o mal em sua vida, mas as circunstâncias não permitiram isso. No entanto, por todo mal trabalho que ele fez, Weston tentou equilibrar com um ato de bondade. Como dar todo o produto de certos trabalhos para instituições de caridade. Ele não era tão ruim, pelo menos ainda não.



Ele era um cara que passara as últimas décadas tentando se redimir por ser um merda no início da vida. Até agora, não esteve nem perto. Não ajudava que eles, como muitos dos sobreviventes, pegassem empregos mercenários. Não era uma vida glamorosa, mas o salário era bom e o manteve fora das garras de um governo que preferia vê-lo morto do que admitir que ferraram com sua vida.

E homem, eles estragaram sua vida.

Ele puxou sua camiseta. Tinha comprado a camisa com uma foto da sua banda de rock favorita na frente dela, durante um show retro dos anos setenta, e os vendedores "Vintage" tentaram vender num valor exorbitante, bem além do mercado atual. Então Weston perdeu um tempo tirando-a, porque se transformasse com ela a deixaria em pedaços.

Ele tirou as botas e foi para o botão do jeans. Ele não conseguiria sair de sua roupa em tempo suficiente. *Droga*. Seu corpo queimava com a necessidade de mudar e deixar o urso nele correr e vagar pelas florestas, fazendo o que quer que fosse que um urso gostava de fazer. Weston só tinha certeza de que se ele não conseguisse mudar em breve, era mais do que provável que o urso entraria numa fúria homicida.

Weston, como urso, não era nada que ninguém rotularia como esquelético. Ele tinha bem mais que 1,80 de altura e tinha músculos para corresponder. Ele tinha conhecido homens no passado que achavam que quanto mais alto, seriam piores, mas na maioria das vezes eles acabavam sendo os mais lentos. Weston gostava de uma mistura de velocidade e força, e não havia muito o que fazer sobre sua altura, tinha nascido assim. Normalmente isso não era um problema, a menos que ele entrasse em um quarto com portas baixas, mas quando tentava sair de sua roupa, seu tamanho era um obstáculo. Ele pulou em um pé só enquanto puxava o jeans. No momento em que ele estava totalmente nu e prestes a mudar de forma, os faróis de um carro perfuraram a escuridão na estrada que raramente era usada.



— Filho da puta. — Ele gritou, indo para trás de seu caminhão, sabendo que tinha sido visto nu. Ele não tinha nenhum problema com a nudez, mas os humanos costumavam ter. Eles eram puritanos, para dizer o mínimo. E não precisava que o xerife local aparecesse para questioná-lo sobre suas aventuras no meia da noite. O SUV parou na frente do seu caminhão e Weston gemeu quando o motorista saiu. Não era o xerife, mas isso não fez muita diferença. Ele olhou para o seu parceiro Outcast e amigo.

— Casey, você está me perseguindo? Cara, se você quisesse me ver nu, você só precisava pedir. Não precisava me caçar.

— Ouvi dizer que você estaria aqui. — O homem alto de cabelos curtos se afastou de Weston e abriu a porta traseira do SUV. Quando um homem pequeno e de cabelos longos que parecia muito como se tivesse saído de um hospital psiquiátrico saiu do SUV seguido por um homem magro e pálido que olhava em qualquer direção, menos para ele, Weston inclinou a cabeça. Os dois Sidekicks¹ pareciam estar muito com Casey ultimamente.

— Você os trouxe aqui? Por quê? — Ele exigiu nu e despreocupado.

Casey beliscou a ponta do nariz. Eles eram amigos há muito tempo. O estresse na expressão de Casey advertiu Weston que havia mais do que ele iria gostar. Casey apontou para o homem magro e pálido.

— Gus insistiu para virmos aqui.

— Ele é o leitor de mente, certo? — Perguntou Weston, saindo de trás de seu caminhão e cruzando os braços sobre o peito. Não deu a mínima que o pau dele estivesse lá para todos verem. Deixe que olhem. Tanto faz.

O olhar do cara de cabelos brancos foi para o pau de Weston.

¹ Desenho animado



— Uau. Os cientistas lhe deram isso? — As gengivas de Weston queimavam com a necessidade de mudar e comer o pequeno incômodo.

Casey tocou nos ombros do homem pequeno. — Bill, lembra-se do que falamos no caminho até aqui? — Bill acenou com a cabeça.

— Fique parado. Não fale. Se eu o irritar, ele pode me comer.

— Isso mesmo. — Disse Casey, soando mais como um professor da escola primária tentando acalmar uma criança pequena do que o super soldado maldito que ele era. — Então, perguntar para Weston sobre seu pau conta como falar. — Bill tocou seu queixo e fez uma reflexão óbvia sobre a declaração de Casey. Ele encolheu os ombros e olhou para Casey, apontando para a virilha de Weston.

— Você conseguiu ver isso? Vocês todos são assim? Onde eu assino para esse teste de aprimoramento? Só tenho LSD². A quem me queixo? Deveríamos poder escolher as opções se fizemos o teste para o governo. Parece ser o mínimo que eles poderiam fazer. — Weston inclinou a cabeça.

— Posso comê-lo, por favor? — Casey olhou por cima do ombro.

— Ele realmente não tem culpa. Eles fizeram dele uma bagunça.

— Eles fizeram uma bagunça em todos nós, mas você não me vê perguntando sobre seu pau. — Afirmou Weston. O cara era mais do que o Weston poderia lidar estando tão perto do limite. E o homem não tinha nada que Weston quisesse ver. — Sério, eu vou comê-lo. Seria um favor para a humanidade. — Casey agarrou o homem louco.

— Bill, não se dispa. Já tivemos essa conversa. — Gus começou a andar de um lado para o outro, batendo uma das mãos no ar. — Tivemos esta conversa mais de uma vez. — Casey olhou para a direção do homem pálido.

² O LSD é uma droga sintética bastante usada em shows que provoca alterações na percepção do usuário.



— Gus, não precisa ficar nervoso. Eu tenho isso. Fique na caminhonete de Weston.

— Ótimo, é o que eu realmente preciso agora. — Murmurou Weston, sobre a respiração. Ele ainda não conseguia descobrir por que Casey se juntou com esses dois. Eles eram pesos mortos. Eles não eram Shifters, não faziam parte do teste Immortal Ops onde o governo tentou fazer super soldados, como Casey e Weston. Não. Gus e Bill eram seres humanos que haviam feito parte no teste do governo, o material não muito fodido e, honestamente, isso não dizia muito quando você tinha homens que podiam se transformar em um animal.

— Ele está nu. Eu também quero estar nu. — Argumentou Bill, parecendo infantil e não o cara velho que era.

— Tivemos esta conversa mais de uma vez. — Continuou Gus, soando como um disco quebrado. Ele rodou em círculos rápidos perto de Weston, deixando-o ligeiramente tonto. — Mais de uma vez. — Weston gemeu e pegou seu jeans do chão. Ele não ia correr esta noite. Maldito Casey por ser um coração mole. O cara sempre foi assim. Inferno, ele tinha feito amizade com Weston por causa disso, quando muitos outros não teriam ousado se aproximar dele.

— Quer me dizer por que você está aqui? E por que você trouxe os dois idiotas com você? — Casey segurava as calças de Bill tentando mantê-las no homem.

— Merda. Bill, vamos lá. Me dê uma pausa aqui. — Gus rodou mais e depois bateu no capô do caminhão de Weston.

— Tenho que avisá-lo. Tenho que avisá-lo.

— Este está com vazamento no cérebro. — Disse Weston para Casey. — Se ele deixar alguma gosma no meu caminhão, eu vou comê-lo. Essa porcaria é difícil de lavar. — Gus parou de andar e se virou, sua atenção em Weston, e isso significava



algo. O cara normalmente não parecia prestar atenção a nada. O cabelo na parte de trás do pescoço de Weston ficou arrepiado um segundo antes de ouvir o homem em sua mente, no mesmo canal mental que os Ex-Ops tinham treinado para usar.

— *Ela está em perigo.* — O olhar de Weston foi rapidamente para Casey.

— Você também o escuta na sua cabeça?

— *Sim.* — Respondeu Casey no mesmo canal mental.

Gus não era um shifter, um Immortal Ops ou mesmo uma das tentativas que falhou dos Ops, um Outcast. Ele era algo completamente diferente, e o cara de alguma forma conseguia explorar seu canal mental de comunicação. O que quer que fosse, algo profundo no intestino de Weston o roía, exigindo que ele pelo menos ouvisse o maluco antes de mandá-lo embora.

— Quem está em perigo? Harmony? — Ele perguntou. Não tinha certeza de por que Casey viria correndo para ele se sua companheira estivesse em perigo, mas nada havia tido muito sentido ultimamente. Desde o momento em que Weston retornou, deixando os outros saberem que não estava morto, as coisas haviam sido estranhas. Ele estava chateado por não ter ficado escondido. As coisas eram mais simples então. Nenhuma dessas besteiras de drama.

Ele suspirou, sabendo que se tivesse permanecido escondido, a companheira de Casey teria morrido. Quando Weston descobriu que Casey tinha uma companheira e que ela estava em perigo, parou de se esconder nas sombras e foi na missão em busca da jovem. Harmony era mal-humorada, opinativa, mimada e alguém que ele considerava um amigo. E ele não tinha muitos desses. — Ela está bem? — Casey manteve Bill fora do chão pelo cinto dele.

— Harmony está segura em casa. Laney está com ela e James está de guarda. Eles estão tentando tirar do ar os sites que estão publicando



informações sobre o teste Ops. E eles também estão tentando ajudar a encontrar qualquer tipo de trilha digital para Lance.

— O cara da I-Ops? — Perguntou Weston. — Então, os rumores são verdadeiros? Ele não está morto? — Casey sacudiu a cabeça.

— Não. É um vampiro. Ele é um fantoche para um vampiro idiota que está trabalhando com os malvados mais conhecidos.

— Krauss e Helmuth? — Perguntou Weston, seu interesse despertado. Ele estava observando cada um deles há algum tempo. Um era pior do que o outro, e se eles realmente fizeram uma parceria, as coisas não seriam muito boas.

Casey assentiu.

— E um vampiro.

— Merda. E você tem certeza de que Harmony e Laney estão a salvo?

— Sim, James está com elas. Por quê? — Perguntou Casey, ainda lutando com Bill.

Weston olhou para Gus que agora estava batendo no ar ao redor de sua cabeça como se os insetos o incomodassem.

— Ele entrou no meu cérebro e disse que ela estava em perigo. Eu pensei que ele quisesse dizer Harmony. — Casey suspirou.

— James está com as meninas. Elas estão bem.

Weston bufou. Claro que James estava perto delas. O cara estava casado com Laney, a melhor amiga de Harmony. Fazia sentido. Casey não iria longe de Harmony se não tivesse um protetor nas proximidades.

Weston observou Gus que agora estava girando em círculos.



— A cabeça dele vai explodir? — Casey carregou Bill e deu a Weston um olhar suplicante.

— Você poderia se vestir para ele parar de tentar ficar nu?

— Free Willy! — Gritou o homem enlouquecido. Ele se sacudiu nos braços de Casey tentando se libertar. — Deixa-me ser livre! Quero sentir o vento no meu rosto.

— Não é o vento que você quer na sua cara. — Disse Casey, lutando para manter Bill vestido.

Weston voltou a colocar o jeans e afastou os braços.

— Veja. Estou vestido.

Bill parou de agir como um idiota e se acalmou nos braços de Casey.

— Você deixou o homem ganhar. Perdi todo o respeito por você, zé colmeia.

— Zé colmeia? — Ele perguntou. Casey empalideceu.

— Como no desenho. — Weston quase riu. Para um cara louco, ele era divertido.

— Casey, deixe o cara correr nu na floresta. Que mal pode fazer? — Os olhos de Casey se arregalaram.

— Se você soubesse. — Bill sorriu.

— Você está bem comigo, Zé colmeia.

— Me chame assim novamente e eu vou dividi-lo em dois. — Advertiu Weston. Ele era sensível em relação a seu lado animal. Bill apertou os lábios.

— Posso te chamar de papai urso? — Weston olhou para Casey.



— Realmente não seria nada para mim matá-lo e te livrar do problema.
— Casey bufou.

— Vou pensar sobre isso. Agora, Weston, por favor, ouça. Gus insistiu que nós o encontrássemos.

Weston observou Gus enquanto não tocava em nada. Ele ergueu uma sobrancelha, perguntando-se por que diabos o cara louco queria encontrá-lo. E como ele conseguiu encontrá-lo tão rápido. Em vez de perguntar, olhou para Casey, esperando que seu amigo explicasse tudo.

Casey agarrou Bill pelo cinto e enfrentou Weston.

— Eu confio em Gus. Ele é diferente, mas é brilhante, e está conectado a coisas que não podemos começar a entender.

— Tudo bem. — Disse Weston, esperando entender o ponto.

— Ele diz que sua companheira está com problemas. — Afirmou Casey, prendendo a respiração.

Weston bufou, tentando evitar a preocupação que o atravessou. Seus sonhos mais recentes vieram a sua mente, e por uma fração de segundo, ele sentiu o cheiro de morangos e cremes. Weston lutou para manter o controle enquanto olhava para Gus. Ele tinha ouvido falar do que Gus poderia fazer, dos dons especiais dele, mas Weston não tinha certeza de que ele estava totalmente pronto para acreditar neles. Não importava que possuísse o suficiente para fazer as pessoas duvidarem dele também, às vezes. Ele queria saber tudo o que o cara estranho sabia, mas não era como se fosse pedir ajuda. Ele estava sozinho por muito tempo para começar agora.

— Eu não tenho uma companheira.

— Você disse o que todo macho alfa fala, até que aconteça com ele. — Respondeu Casey com rapidez. Ele então deu um passo à frente, puxando Bill com ele. — Você salvou minha companheira. Estou aqui para tentar retornar esse favor. Se Gus



diz que ela está com problemas, eu acredito nele. Então você também deveria acreditar.

Weston segurou a resposta afiada que estava na ponta da língua.

— Ok. Ele tem alguma ideia de quem seja a minha companheira? Esse seria o primeiro passo, certo? Antes de podermos salvá-la, não devemos saber quem ela é?

Casey olhou para Gus.

— Ele me disse que você precisava ir para Seattle. Que você encontrará ela lá e que você precisava ir logo.

— E você acredita nisso? — Perguntou Weston, já sabendo que seu amigo acreditava. Ambos tinham visto demais em suas vidas para descartar qualquer coisa, por mais estranho que parecesse. — Você acha que eu deveria largar tudo e dirigir pelo país para uma cidade enorme, e que eu simplesmente encontrarei magicamente minha suposta companheira? Uma companheira que eu acho que nem existe.

— *Morangos e creme.* — Disse Gus na mente de Weston, fazendo-o ofegar e quase perder a compostura. — *Ela cheira como morangos e creme.*

Casey soltou Bill e deu-lhe um olhar severo. Bill sorriu.

— Eu ganhei.

— E se Gus não estiver errado? — Perguntou Casey, ignorando o pequeno homem.

O corpo de Weston ficou tenso.

— Eu vou escutar ele. Eu vou para Seattle e vejo o que eu posso coletar de informações por lá. Agradeço a informação.

— Você quer que eu vá para Seattle com você? — Perguntou Casey. — Nós podemos ter melhor sorte se nós dois estivermos procurando.



Balançando a cabeça, Weston pegou a camisa.

— Não cara, você tem uma mulher para proteger, e do jeito que as coisas estão indo, seria imprudente viajar para tão longe dela.

O olhar no rosto de Casey mostrava que ele sabia disso.

— Mas eu iria, por você.

— Eu sei. Mas não. Eu vou sozinho. — Bill bateu palmas.

— Gus e eu iremos com você! — A expressão de Weston fechou. Ele não estava se inscrevendo para ser babá de ninguém.

— O inferno que vão. — Os lábios de Casey franziram.

— Você sabe que isso poderia funcionar. Bill fala fluentemente e Gus está de alguma forma vendo sua companheira e seu destino.

— Isso é um truque para eu tirar os panacas de você? — Weston puxou a camisa por cima da cabeça. — Você sabe que nunca mais os verá, porque eu vou comê-los.

Bill se aproximou de Casey.

— Diga a ele que não gosto muito de ser o jantar.

— Diga a ele que eu posso ouvi-lo. — Respondeu Weston, sentindo suas garras saírem.

Bill saltou no lugar. Gus fez uma pausa em seus círculos e olhou para perto da direção em que Weston estava de pé.

— Vamos fazer as malas.

— Oh, não. — Disse Weston balançando a cabeça.

— Não!



Capítulo Dois

— Como foi o passeio de avião? — Perguntou Casey, uma nota de provocação em sua voz.

Weston teve que evitar esmagar seu celular com uma mão enquanto o segurava na orelha e olhou para ter certeza de que seus companheiros de viagem não estavam entrando em mais problemas.

— Foda-se, idiota. Você sabe exatamente como foi o passeio do avião.

Casey riu.

— Esqueci de lhe dizer que Gus não se sente bem voando.

— Sim, imaginei isso quando chegamos a trinta mil pés. — Ele fechou os dedos, querendo muito bater em Casey. Na verdade, na próxima vez que colocasse os olhos no idiota, ele iria mostrar-lhe o quão ruim o passeio de avião tinha sido. Se Weston soubesse exatamente no que estava se metendo quando concordou em levar os dois panacas junto, ele teria dirigido por todo o país. Em vez disso, teve que amarrar o homem no voo e quase algemar o outro também. Provavelmente por que Casey negligenciou mencionar as habilidades de voo de Gus, ou a falta dela.

— Gus ainda está respirando? — Perguntou Casey, com preocupação em sua voz.

— Por pura sorte, irmão. — Respondeu Weston, a tensão em seu corpo mantendo o urso nele na borda. O urso também não gostava de voar. Era contra a ordem natural das coisas. — E você também esqueceu de me dizer o quanto Bill gosta de voar. E eu quero dizer que ele adora.

— Oh não. — Respirou Casey, seguido de um estalo da língua. — Eu devo perguntar?



Weston suspirou, sentindo que passou as últimas horas pegando gatos. Diabos, os gatos teriam sido mais fáceis. Na verdade, ele simplesmente tentou evitar que Gus e Bill derrubassem o avião privado em que haviam estado. Um gritou como um idiota e o outro estava simplesmente insano.

— Você é terrivelmente sortudo que o cara com quem fretei o voo me devia uma. Bill iria nos fazer ser presos se tivéssemos ousado voar em um avião comercial. Ele exigiu que fosse permitido que ele ajudasse a pilotar o avião e, em seguida, queria que todos nós fizéssemos uma pausa para ele voar para o sol e sair antes que o homem e seus minions de lavagem cerebral pudessem tentar nos parar. Então ele pensou que tinha visto o presidente dos Estados Unidos sentado em nossa ala direita, piscando para ele. Eu acho que ele pode ter tropeçado.

— Eu me esqueci de verificar o LSD antes de você sair. — Disse Casey. — Desculpa. Harmony não ficou feliz quando percebeu que eu os deixei sair com você. Laney também está chateada comigo. Elas acham que você vai comer os dois.

— Eu poderia. — Ele considerou isso mais de uma vez. Embora estivesse começando a gostar dos idiotas, não que ele fosse contar a Casey.

— Weston, seria um grande favor para mim se você não fizer isso. — Disse Casey. — Eles são mais ou menos como da família neste momento.

— Eu sei. É por isso que ambos ainda estão vivos. — Weston olhou para ver Bill conversando com o piloto. — Escute, tenho que ir. Bill agora está tentando conversar sobre um grande avião. Merda, acho que ele está oferecendo erva para o cara. Onde ele está escondendo todas essas drogas?

— Você poderia querer fazer uma pesquisa de cavidade anal. — Disse Casey com uma risada que parou abruptamente. — E, não, não estou brincando.

— Idiota. — Ele desligou e correu na direção de Bill. O homem tinha um boné de voo antiquado



e óculos antigos gigantes. Ele chegou ao aeroporto com eles já vestindo isso. Nenhuma quantidade de suplica o tinha feito tirar. Weston só esperava que ele não os guardasse no mesmo lugar que as drogas.

Bill levantou os braços e começou a correr ao redor da pista, perto de outro piloto. Muito para o crédito do outro piloto, ele não comentou as travessuras de Bill. Gus ficou perfeitamente imóvel enquanto Bill ficava dando voltas ao redor dele. Bill parou e olhou para o amigo. Ele então olhou para Weston.

— Gus está bravo com você por fazê-lo voar. Ele queria um assento na janela.

Apertando a ponta do nariz, Weston fez o seu melhor para evitar perder o temperamento e mudar na frente de todos. Gus e Bill iriam fazer dele um mestre de autocontrole até o final da jornada. Ele estava certo disso. Isso, ou realmente os comeria. O que era o mais provável.

Ele agarrou Bill, puxando-o para mais perto dele e longe do outro piloto. O homem inclinou o chapéu.

— Amigos interessantes que você tem aí. — Weston colocou um sorriso em seu rosto e assentiu.

— Eles estão bem. Desculpe se incomodaram você. Nós seguiremos nosso caminho agora.

— Posso dirigir? — Bill empurrou algo para o bolso da jaqueta da frente de Weston. — Aqui. Você esconde isso no caso se os federais aparecerem.

Gemendo, Weston puxou outra bolsa de erva da jaqueta de Bill e rosnou enquanto agarrava Gus com a mesma mão que estava o saco de maconha.

— Venha. — Gus começou a gritar e bater em Weston.

Bill balançou a cabeça.



— Ele não gosta de ser tocado.

— Ele preferiria ser amarrado e amordaçado? — Weston teve muita paciência com o comportamento de Gus. A expressão de Bill ficou sombria.

— Você é malvado, como o de olhos pretos. O demônio malvado.

Weston tinha ouvido Bill chamar Duke Marlow, um agente de segurança e inteligência paranormal, com este nome mais de uma vez.

— Sim, eu faço Duke parecer uma porra de luz do sol. Agora vamos.

— Tudo bem, mas vou pegar Gus. Não você, urso rabugento. — Bill parou e colocou o polegar em seus ouvidos e acenou com as mãos, afastando a língua como ele fazia. — Urso rabugento. Urso rabugento.

— Vou jogar fora suas merdas. — Advertiu Weston. Bill fechou a boca e alcançou Gus.

— Vamos, Gus. Temos de ser bons para que eu possa recuperar as coisas. Você entende certo?

Weston continuou a rosnar enquanto seguia atrás dos dois. Ele teve que parar e pegar suas malas, embora considerasse deixá-las. Bill provavelmente apenas embalou drogas de qualquer maneira. Weston viu outro de seus contatos quando saíram de um SUV ao lado de um pequeno avião. Fazia anos desde que ele tinha visto Bane Antonov. Eles falaram ao telefone e trocaram mensagens enigmáticas durante as últimas décadas, mas Weston não tinha visto Bane desde que todos começaram a sair das instalações secretas do governo.

O cabelo preto de Bane estava longo agora. Muito mais do que Weston lembrava. Sua cara de bebê era coisa do passado também. Bane tinha uma quantidade razoável de pelos faciais, outra coisa que não tinha na última vez que eles tinham se visto. Emoções que Weston não queria se concentrar estavam na superfície. Este era um homem que compartilhava uma experiência



semelhante a dele. Como Casey. Ele sabia o que era ser escolhido, ouvir que você era especial, cair nas mentiras e promessas vazias, e então ser descartado como lixo quando as coisas não saíram conforme o planejado. Eles sabiam o que era ser caçado pelas próprias pessoas que fizeram as promessas vazias. As pessoas a quem eles dedicaram suas vidas, confiando que seriam transformados em ativos para seu país. Não bombas-relógio.

Eles eram Outcasts. Homens que não eram considerados investimentos estáveis. Homens que eram falhos de alguma forma aos olhos de seus criadores. E Weston certamente foi falho.

Weston grunhiu para Bill enquanto o homem olhava para ele. Bill manteve Gus caminhando para frente, na direção de Bane. Quando se aproximaram, Bane olhou para baixo de sua altura imponente em comparação a Bill e Gus, embora ele estivesse ao nível dos olhos de Weston.

— Eles não parecem muito da elite.

Weston bufou, perdendo o senso de humor de Bane.

— Ah, eles são o melhor da colheita. — Bill sorriu com orgulho enquanto ele colocava um braço ao redor de Gus, que não parecia se importar com Bill tocando nele.

— Nós somos.

Bane olhou por cima da cabeça de Bill para Weston.

— Faz muito tempo, irmão.

— Sim, faz. — Disse Weston, permanecendo no lugar. Ele não era muito de abraçar e Bane também não.

Bill olhou entre os homens.

— Vocês são irmãos?

— Servimos juntos. — Disse Weston, sabendo que Bill entenderia como também tinha servido.



Bill assentiu.

— A maioria dos caras com quem eu servi estão mortos agora. Eles também faziam parte dos testes do governo.

Bane lançou a Weston um olhar questionador. Weston aproveitou um canal mental compartilhado por pessoas como ele.

— *Teste de LSD, no Vietnã. Este é o famoso Bill Selvagem.*

Bane olhou para Bill. — *O piloto do elefante mecânico?*

— *O mesmo.* — DARPA tentou colocar elefantes mecânicos nas selvas do Vietnã na esperança de que eles ajudassem na luta, mas eles eram problemáticos. E Bill tinha sido corajoso o suficiente para escalar um e montá-lo como um touro. Quando Casey lhe contou a história, Weston achou divertido, e ele podia imaginar o garoto maluco fazendo isso. Ele poderia apostar que Bill deu ao governo uma corrida por seu dinheiro. Parte de Weston sentiu-se mal por Bill e Gus. Afinal, eles também foram vítimas do governo.

— *E o outro?* — Bane chamou sua atenção para Gus. — *Ele está bem?*

— *Posso ouvir vocês dois.* — Disse Gus no mesmo caminho mental, e pelo olhar no rosto de Bane, isso o surpreendeu como um fantasma.

Os lábios de Bane apertaram em uma linha fina. — *Interessante.*

— Você tem um lugar para nós? — Perguntou Weston, não mais incomodando com o canal mental.

Bane assentiu.

— Deveríamos ir andando. A merda tem estado esquentando por aqui ultimamente.

— Eu ouvi sobre o ataque nas docas. Já descobriu o que causou toda a carnificina? — Weston estava incomodado por estar na área. Ele



tinha uma longa história de perder o controle e não precisava de mais ninguém dando ao seu lado shifter mais ideias.

— Não. Até onde sei, o I-Ops e o PSI também não sabem. — Respondeu Bane. Não surpreendeu a Weston que Bane sabia o que estava acontecendo em cada lugar, apesar de se passar por morto pela maior parte do tempo. Weston investigava. Ele soube que Bane estava vivo o tempo todo. Eles escaparam juntos.

— Um Outcast? — Questionou Weston. Isso fazia sentido. A maioria dos Outcasts foi criada por cientistas que usavam DNA de animais, ou quantidades tão grandes de DNA sobrenatural que todos se misturavam no final, fazendo monstros em vez de heróis.

— Você escutou algo sobre seu fim? — Perguntou Bane.

Weston sacudiu a cabeça.

— Só que tudo o que está acontecendo é ruim. E que fez um dos I-Ops tirar sua companheira daqui, fazendo com que ela fechasse seus negócios.

Bane fez uma pausa enquanto se dirigiam na direção de um SUV grande. Bill e Gus ficaram perto. Isso foi bom. Weston não queria dizer a Casey que os tinha perdido. Bane limpou a garganta.

— Esse teria sido um bordel para os sobrenaturais, não é?

— Eu acho que sim. Por quê?

— Era um lugar que eu conhecia. — Disse Bane perdido em seus pensamentos. — Um bom lugar para saciar suas necessidades, porque sabia que não a mataria acidentalmente durante o sexo.

A garganta de Weston apertou enquanto pensava no passado de Bane. O homem perdeu o controle durante o sexo e a mulher com quem tinha estado pagou o preço. Não tinha sido sua culpa. Os cientistas malditos haviam forçado o ato sexual,



querendo estudar os efeitos de um acasalamento. Eles queriam ver o quão difícil seria criar um deles naturalmente através do nascimento. Eles não tinham ideia de que apenas enviaram uma mulher humana para a morte ou que o que eles fizeram iria assustar para sempre Bane.

Bane odiava as pessoas que os fizeram. Odiou que seu lado animal fosse um gorila. Muitos dos homens do grupo não eram mais que shifter pequenos. Os cientistas da época estavam passando por uma estranha fase de querer experimentar novos tipos de mudanças possíveis. Alguns Outcasts conseguiram mudar para pássaros, vida marinha, ursos polares e jacarés, quase qualquer coisa que se possa imaginar. E todos foram prejudicados por causa disso.

Malditos cientistas.

Bane endireitou os ombros.

— O lugar acabou de abrir cerca de uma semana atrás. O que falam na rua é que esta nova propriedade ainda serve para sobrenaturais.

— Você vai tentar? — Weston se perguntou onde Bane estava indo com isso.

Seu amigo encolheu os ombros.

— Talvez. Está chegando perto desse tempo para mim.

Weston sabia que tempos eram estes. Ele também estava por um fio. Se ele não mudasse e fizesse sexo em breve, não importava em qual ordem, as coisas ficariam feias rapidamente. Bane tinha ainda menos controle. Weston fez um gesto para Bill e Gus entrarem no SUV.

Ele então voltou sua atenção para Bane.

— Ouça, Gus, o estranho que pode falar através de nosso canal mental, diz que eu preciso



estar aqui. E que minha companheira está em perigo.

Os olhos de Bane se arregalaram.

— Você não mencionou isso em sua ligação.

Por uma boa razão. Weston não estava prestes a soar os alarmes quando ele mesmo não tinha certeza de que ele tinha algo para realmente se preocupar. Já tinha feito muito em ter pedido um favor a Bane, tirando ele de seu esconderijo.

— Porque eu não tenho uma companheira.

Bane inclinou a cabeça.

— Eu não estou entendendo.

— Gus parece pensar que eu tenho e que ela está em perigo. Casey acredita nele. — Disse Weston, pegando a bolsa.

— E você? — Ele encolheu os ombros.

— Eu não sei. Talvez.

— Mas? — Bane levantou a bolsa. — O que você está deixando de fora?

— Minha cabeça está uma bagunça. — Bane endureceu.

— Os sonhos voltaram?

— Eles nunca pararam. — Respondeu honestamente.

— Desculpe irmão. — Weston encolheu os ombros.

— É o que é. Não posso fazer nada para mudar isso. Embora ultimamente os sinais estejam mais bagunçados que o normal. Não estou conseguindo imagens ou sentimentos claros. Meus sonhos são praticamente um borrão.



— Eles estão insinuando a existência de uma companheira? — Perguntou Bane, a esperança em seu olhar escuro. Weston suspirou.

— Eu não sei. Talvez. Já faz um tempo que eu não mudo e eu preciso de sexo.

— Isso é difícil.

— Vamos levar estes dois para a casa, deixá-los em segurança e nós poderemos ir ao clube. — Disse Bane, colocando as bolsas na parte de trás do SUV. — Os novos proprietários são sobrenaturais e também os trabalhadores, infelizmente isso é tudo o que eu sei até agora. Vamos terminar e então poderemos nos concentrar em ter uma noite de sexo selvagem.

— E se ele estiver certo? — Perguntou Weston, seu intestino contorcendo. — Como eu explico para minha companheira quando eu a encontrar que eu não fui imediatamente ajudá-la porque eu estava muito ocupado em um clube de sexo?

Bane exalou lentamente e depois lhe lançou um olhar duro.

— Você não poderá explicar nada se perder o controle e arrancar sua cabeça porque você negou o seu lado animal e a liberação sexual. É difícil explicar seu caso para uma pessoa morta.

— Bom ponto. — Weston exalou, entendendo que as palavras de Bane estavam certas. Em seu estado de espírito atual, Weston não seria bom para ninguém. Lidar com Bill e Gus o deixara ainda mais no limite. Ele estava pendurado por um fio e não valeria nada, até que se transformasse e fizesse bastante sexo. Infelizmente, ele esperou muito tempo, e a masturbação não seria suficiente agora. Ele fez uma nota mental para comprar mais revistas femininas e evitar que o mesmo acontecesse no futuro. — É melhor implorar perdão...



— Do que pedir permissão. — Terminou Bane, fechando a parte de trás do SUV. Bane permaneceu ali um momento e depois surpreendeu Weston agarrando-o e dando-lhe um abraço viril.

Weston retornou o abraço e Bane o soltou.

— Basta, ou as pessoas vão pensar que somos um casal ou algo assim. — Disse Bane com uma risada instável. Ambos estavam lutando contra suas emoções. Eles já tinham passado por muitas coisas juntos.

— Você não é o meu tipo. — Disse Weston com um sorriso seguro. — Eu gosto de loiras. — Bill inclinou a cabeça para fora da janela do banco traseiro.

— Vocês estão vindo ou não? Queremos sorvete. Ooh, e sanduíches de manteiga de amendoim e geleia. Stat³.

Weston teve que controlar a respiração por medo de que realmente acabaria matando o cara.

— Preciso dar tudo de mim para não arrancar a cabeça dele. — Bane riu de novo.

— Ele não é tão ruim.

— Bane, eu conheço você, você já o teria matado. — Disse Weston.

Bane encolheu os ombros.

— Passei algum tempo com monges. Isso fez maravilhas ao meu autocontrole. Além disso, eu tenho azia realmente ruim de pessoas cheias de drogas, e esse homenzinho cheira como uma planta de erva daninha ambulante.

³ “IMEDIATAMENTE” - gíria usada por médicos quando querem algo imediato.



Capítulo Três

Paisley Addiks fez o possível para desaparecer nas sombras do clube de sexo. Esta não era a primeira vez que visitava o estabelecimento. Ela tinha aparecido regularmente até algumas semanas atrás. Tudo isso mudou desde então. Não havia mais o sentimento de segurança que uma vez cobriu o lugar. Agora, uma sensação sinistra pendia no ar, como se estivesse avisando os ocupantes que qualquer coisa poderia e provavelmente aconteceria.

Por mais ruim que fosse a atmosfera, Paisley não tinha escolha. Ela tinha que estar lá. Ela precisava se reabastecer com a energia sexual que irradiava de todos os cantos do lugar, e precisava de uma pista sobre a amiga desaparecida.

Ela esteve tentando por semanas ganhar a entrada no clube. Uma vez que conseguiu, passou a entrar com facilidade, mas essa era outra coisa que havia mudado recentemente. Pelo que ela conseguiu entender até agora, um inferno de uma briga aconteceu no clube e o dono anterior deixou a cidade. Não muito tempo depois, os funcionários também a deixaram, deixando o clube abandonado. Mas isso não durou muito. Alguém novo estava executando o show agora e eles eram tão ruins quanto Bad foi.

Pessoas na rua tinham avisado Paisley para ficar longe. Para simplesmente esquecer a amiga desaparecida e encontrar outras formas de saciar a fome, que ela parecia sempre carregar. Ela sabia que deveria prestar atenção às advertências, mas tinha que saber o que aconteceu com a amiga. Não podia simplesmente se afastar da área sem descobrir a verdade.

Ela não queria ser notada pelos homens ameaçadores que frequentavam o estabelecimento, ou as mulheres que ficavam felizes demais por estarem cercadas por eles. Havia alguns homens lá



que estavam servindo as mulheres. Mas não havia tantos homens como mulheres. Os homens empregados lá usavam as menores capas para cobrir o seu pênis enquanto mostravam o resto de seus corpos em toda a sua glória nua. Em vez de excita-la, como ela suspeitava que fosse o propósito deles, ela simplesmente olhava para eles sem nenhuma emoção. Eles não eram o tipo dela, qualquer que fosse o seu tipo.

— Aguarde esta noite e então você poderá criar um novo plano. — Ela disse suavemente para si mesma, continuando na direção de um dos corredores. Ela só recarregaria suas baterias, por assim dizer. Mergulhar na essência do sexo que enchia o lugar. Ela não estava inteiramente certa do que era, apenas que ela era mais do que humana, e o outro lado de si mesma ansiava bastante por sexo, mas até agora, nunca tinha tido o desejo de realmente fazer sexo. Talvez ela estivesse quebrada. Ela não tinha certeza. E não se importava.

O clube sempre ajudou a satisfazer seus desejos, até muito recentemente. Agora ela nunca parecia cheia. O lugar era um clube de sexo subterrâneo. Não havia melhor maneira de descrevê-lo. Para o mundo exterior, era simplesmente um clube privado que atendia a elite. Ninguém nunca questionou o que acontecia por trás das portas fechadas. Paisley fez. Sua amiga havia desaparecido enquanto trabalhava aqui e Paisley pretendia descobrir onde Galiena, ou Gale, como ela era conhecida nos clubes, estava. Onde todos estavam e quem diabos eram todas essas novas pessoas, porque certamente não eram as pessoas que dirigiam e operavam o clube.

Paisley entendeu o jogo do bordel. Compreendia o porquê Gale iria querer e, finalmente, precisava estar lá. Gale também precisava de energia sexual para sobreviver. Embora as necessidades de Gale fossem mais profundas que as de Paisley. Gale precisava do sexo de verdade para continuar. Somente a energia sexual não a ajudaria, não era suficiente, ela precisava completar o ato. O clube tinha dado a Gale o que ela precisava, um lugar seguro para se alimentar, recarregar e satisfazer suas necessidades. Ou, pelo menos, o clube costumava oferecer isso.



Claro, Paisley acreditava que quando Gale encontrou outros como ela, outros que precisavam de sexo para sobreviver e que não eram os heterossexuais, Gale estaria segura.

Mas não era verdade.

Gale era especial. Assim como Paisley. Única, como Gale sempre falava. Elas descobriram quando estavam na adolescência, não que estivessem exatamente longe da idade agora. Paisley sentiu-se mudando. Como se ela tivesse visto e feito mais do que a maioria das garotas nos vinte e poucos anos. E ela tinha. Então, novamente, não era nada como a maioria das meninas.

Pelo menos Gale a fez se sentir menos sozinha, não a via como uma aberração. Mas agora Gale tinha desaparecido e todos os outros que Paisley conheceu através de sua amiga também desapareceram.

Não havia nenhum sinal da mulher ruiva que possuía o lugar, Jinx, no entanto, o que as pessoas diziam era que Jinx tinha ido embora da cidade e levou as pessoas com ela. Mas não Gale. Paisley saberia se Gale também tivesse ido. Gale teria dito alguma coisa para ela, elas eram muito próximas.

Jinx sempre foi gentil com Paisley, até mesmo oferecendo-lhe um emprego no clube. Um que ela não tivesse que atender alguém sexualmente, mas que iria deixa-la estar em torno da energia sexual, servindo bebidas. Paisley não conseguiu fazer isso, porque fazer isso era como admitir a derrota, não que se esgueirar em bordéis fosse melhor. Tudo o que ela queria era ser normal. Ela queria uma vida normal, um trabalho normal, e parar de ter esses impulsos. Em vez disso, ela permitiu que Gale a colocasse para dentro por uma das entradas escondidas e simplesmente andava nos corredores, reunindo o que era necessário para fazê-la sentir-se rejuvenescida novamente.

E ela nunca teve que tocar ninguém.



Mas ultimamente a fome não estava como costumava ser. Simplesmente estar perto de todo o sexo no clube não estava fazendo mais por ela e não tinha ninguém com quem falar. Não havia um grupo de apoio para supernaturais viciados em sexo. Pelo menos, nenhum que ela conhecesse. No entanto, havia muitas coisas por aí que não eram humanas e provavelmente tinham encontros.

Ela não tinha certeza de que queria participar deles.

— Quanto por você? — Perguntou um homem pequeno e magro, seus olhos redondos e lábios muito estreitos. Ele colocou uma mão na parede perto dela, bloqueando seu caminho.

Paisley apertou um sorriso artificial no rosto, tentando parecer um pouco agradável. A ideia do homem tocá-la fez sua pele se arrepiar. Quando Jinx era dona do lugar, homens como este não teriam sido permitidos. Eles não serviam marginais, e esse cara parecia ser um.

— Já estou ocupada. Veja na recepção quem pode estar disponível.

Ele tirou um palito de dente do bolso e o colocou entre os lábios.

— Maldição! Faz tempo que não transo com uma súcubo⁴. Vocês fodem tão bem...

Súcubo? Gale tinha usado esse termo mais de uma vez também, sugerindo que Paisley poderia ser pelo menos uma parte de súcubo.

— O que faz você pensar que sou uma súcubo? — Ele cheirou o ar, seus olhos claros brilhando para dourado rapidamente antes que uma língua bifurcada surgisse de sua boca.

— Eu sinto o cheiro.

⁴ São demônios, de várias tradições culturais, que buscam mulheres e homens para sexo. Qualquer tipo de demônio pode assumir esse papel.



Ela não gritou ao vê-lo fazer isso, o que dizia muito. Ela tinha visto algumas merdas no clube, mas ele era novo.

— O-o que você é?

— Shifter serpente. — Ele disse, tocando a frente de suas calças.

— Quer ver? — Ela ajustou seus ombros e olhou para além dele, agindo como se tivesse um cliente lá a esperando. Ela acenou na outra direção.

— Tenho que ir! — O homem olhou por cima do ombro e depois voltou a olhar para ela.

— Quando terminar me encontre.

— Claro. — Disse ela, afastando-se dele o mais rápido que pôde. Ela foi para o outro salão e suspirou, grata por ter se livrado dele. Um arrepio desceu por sua espinha e ela teve que respirar fundo e se acalmar. Sabia que não devia mostrar medo no clube. Gale lhe explicou isso mais de uma vez.

O medo atrai muitos dos clientes.

Várias pessoas passaram por ela e a olharam, mas continuaram andando. Duas mulheres se aproximaram de braços cruzados e pararam na frente dela. A mulher à esquerda tinha uma cabeça completamente raspada e uma coleira de cachorro. A coleira dizia "cadela". Ela estava em um top mal feito de malha, mostrando seus mamilos e seios e com uma saia abaixo dos quadris. Tatuagens marcavam a pele no ponto onde a saia começava, havia pequenas marcas de mordida em todo o corpo da mulher, algumas pareciam frescas, mas outras já tinham mais tempo e nenhuma parecia ter sido agradável de receber. Mas Paisley tinha visto muitas coisas estranhas em sua vida e sabia que algumas pessoas ficavam excitadas com a dor.

Os olhos da mulher brilharam para preto e ela sorriu, mostrando suas presas. Paisley não se agitou ou tremeu de medo, ela tinha aprendido anos atrás



que coisas assustadoras de pesadelos eram reais, e de certa forma, ela foi incluída na mistura. Essa mulher não a assustou muito.

Vampira, pensou Paisley. Ela tinha encontrado alguns em seu tempo, mas a maioria tinha sido sem intercorrências. Alguns não tinham. Gale tinha estado com ela em todos eles. Houve um ponto em sua vida quando Paisley não sabia que coisas como vampiros existiam, mas isso parecia ter sido em outra vida, agora ela sabia sobre muitas coisas que ficavam soltas na noite. Coisas que aterrorizariam pessoas normais.

Coisas que às vezes ainda conseguiam assustá-la.

Como o cara serpente.

Ela estremeceu.

Engolindo com força, Paisley fez o possível para fingir que deveria estar lá com a esperança de que as mulheres simplesmente perderiam o interesse por ela e seguiriam em frente, mas não estava com tanta sorte. A mulher calva olhou para ela, e a amiga da mulher, que parecia bastante normal em comparação com a outra com a cabeça raspada, sorriu. Não viu presas, mas claro que isso não significava que a mulher não fosse uma vampira.

Paisley tentou ter uma ideia do que era a outra mulher, mas não conseguiu. Isso sempre foi algo em que Gale era melhor. Gale sempre pareceu ser a mais forte das duas. E agora ela não estava mais lá.

Um medo irritante surgiu no interior do estômago de Paisley enquanto olhava para as mulheres na frente dela. Ela não podia deixar de sentir como se soubessem algo sobre o desaparecimento de Gale, que elas estavam de algumas formas conectadas. Aquela com a cabeça raspada esticou o braço e rapidamente agarrou o braço de Paisley, apertando firmemente, fazendo com que ela soltasse um gemido de dor.



— O que temos aqui? — Ela perguntou, seu sotaque soava como do leste europeu. Sua companheira riu. — Um cachorrinho inocente e virgem.

Paisley endureceu.

— Eu não sou virgem. — As mulheres riram.

— Mentirosa. — Disse a vampira. — Podemos cheirar a inocência em você, e talvez outra coisa?

A amiga dela se inclinou, examinando-a.

— E o que seria?

— Súcubo? — Perguntou a vampira, parecendo surpresa. — Como uma súcubo ainda é virgem?

Paisley tentou arrancar o braço dela sem sucesso.

— Eu preciso ir.

— Por que você está aqui? — Perguntou a outra. — Você não é um daqueles restos, não é? Do outro proprietário.

— O que você sabe de Jinx? — Perguntou Paisley, dando olhares suspeitos para ambas as mulheres.

— A melhor pergunta é, o que você sabe? — Perguntou a vampira, zombando, apertando a mão em Paisley. — Nós vamos levá-la ao chefe e você pode responder às suas perguntas. Tenho certeza de que ele tem uma tonelada para você. E ele gosta de virgens. Embora você não vai ser uma por muito tempo depois de conhecê-lo.

— Solte-me. — Disse Paisley, enquanto a vampira apertava seu braço com mais força. — Eu irei embora. Eu não deveria ter vindo aqui. Eu só precisava...



— Precisava do quê? — Perguntou a vampira enquanto se aproximava do rosto de Paisley. — Diga-me ou você vai contar ao chefe.

— Eu vou embora.

— Oh, não. Agora você vai ficar. — Disse a vampira com uma risada. Ela sibilou e então fez um movimento para morder Paisley, mas parou no último minuto, rindo com mais força quando Paisley ficou tensa. Lágrimas queriam cair, mas ela as segurou firmemente, recusando-se a deixar a mulher usando uma coleira que a reduzia a um animal vê-la chorar. Elas empurraram Paisley, forçando-a seguir, e antes de perceber, a levaram para uma sala. Um dos quartos reservados para atendimento de clientes.

Elas riram quando fecharam a porta, trancando-a. Paisley bateu na porta repetidamente, mas elas não a abriram. Suas risadas eram altas o suficiente para ouvir através da porta fechada.

— Não se preocupe querida. — Uma gritou. — O chefe estará aqui em breve para te fazer companhia.



Capítulo Quatro

— Esta é uma má ideia. — Weston e Bane ficaram do lado de fora do clube de sexo. Deixar Gus e Bill sozinhos no esconderijo pareceu não ser uma boa ideia. Eles tiveram um interesse anormal na piscina do esconderijo.

— E se voltarmos e encontrarmos eles afogados? — Bane lançou-lhe um olhar de lado.

— Então você terá duas coisas a menos para se preocupar durante o resto da sua viagem.

Ele revirou os olhos, não encontrando humor na ideia de que Bill e Gus morressem afogados.

— Você sabe o que eu quero dizer.

— Eles são homens adultos. — Lembrou Bane, mas Weston não estava tão seguro disso. Os dois pareciam crianças. Ele mesmo chamou Casey para pedir sua opinião e o cara pensou que estariam bem por conta própria, desde que ninguém lhes deixasse as chaves de um carro. Já Weston não tinha tanta certeza.

— Hum, você os conheceu. Parece que cresceram? — Perguntou Weston, ainda preocupado. — Devemos ligar e checar. Deixei um celular com eles.

— Para um cara que ameaça comê-los sem parar, você é muito protetor. — Disse Bane, dando-lhe um olhar como se ele suspeitasse o tempo todo que Weston tinha um ponto fraco para os dois bobões. — Eles vão ficar bem. Eles têm sorvete, sanduíches de manteiga de amendoim e geleia, e alguns DVDs que eu abasteci o lugar. Eles são



bons. E até lhes disse que esperassem trinta minutos depois de comer antes de nadarem.

— Oh, bom, eu deveria ter lembrado disso. — Weston não estava acostumado a andar mais com os humanos. Fazia muito tempo que tinha sido o que se chamaria de humano, e depois de sua mudança, ele cortou os laços com a maioria. Ele já era sozinho antes de se juntar ao serviço, sua mãe faleceu quando era apenas um menino e seu pai era um total desconhecido. Ele não tinha família, além disso, se tivesse, não os conhecia. Em algum lugar de sua árvore genealógica, havia sobrenaturais, mas ele provavelmente não saberia como ou onde. Ele aceitava isso. Não gostava muito, mas era o que era.

Bane bufou e colocou a mão no ombro de Weston, dando-lhe um aperto.

— Eu estava brincando. Relaxa. Eles são adultos. Eles estão bem, e agora vamos lidar com o seu problema e o meu.

— Você também? — Ele perguntou, desejando que tivesse o mesmo nível de controle sobre si mesmo que Bane parecia ter. — Talvez eu precise visitar esses seus amigos monges.

— Você não duraria cinco minutos. — Disse Bane sorrindo enquanto batia na porta do clube. — Alguns desses monges poderiam chutar minha bunda.

Weston bufou e depois inclinou a cabeça.

— Sério?

— Sim, eles eram principalmente Shifters.

— Isso explica muita coisa.

Um cara grande que provavelmente deveria parecer intimidante por seus músculos abriu a porta. O homem fez uma tentativa de parecer duro e então pareceu pensar melhor sobre isso. Cara esperto.



— Entre. — Disse o homem, como se estivesse forçando sua voz a ser mais profunda do que era e se afastou para deixá-los passar.

Amador.

Weston foi o primeiro a entrar. Ele cheirou o ar, sentindo que algo estava errado, mas não conseguiu descobrir o que. Quando ele estava por perto, já tinha passado uma boa quantidade de tempo procurando mulheres que atendessem aos sobrenaturais. Era uma espécie de requisito quando você não tinha uma companheira e não era um cara que uma garota humana realmente poderia lidar. Como foi o caso com Weston. Ele poderia passar por alguns meses sem sexo, mas com sua necessidade agora, sua mão não resolveria, e ele estava agradecido por estar em um lugar com mulheres sobrenaturais e profissionais pagas. Ele fez o seu melhor para acalmar seu lado alfa. Raramente funcionava.

Bane lançou-lhe um olhar de lado. Ele sentiu que algo estava acontecendo no bordel também?

Se assim for, ele não disse nada quando duas mulheres seminuas se aproximaram deles, cada uma segurando uma bandeja de bebidas. As mulheres eram sexys, assim como todas as mulheres que trabalhavam em lugares como este. Normalmente, Weston teria encurralado uma das garotas de boas-vindas para foder. Mas ele não fez. Ele simplesmente as observou quando pararam. A loira sorriu para Weston, empurrando o peito para fora enquanto falava.

— Bebida para o shifter?

Ela provavelmente era uma mágica de algum tipo. Eles eram bons em adivinhar o tipo de sobrenatural que eram, se fossem treinados o suficiente para detectá-los. Uma das bebidas estava saindo fumaça e Weston tinha que se perguntar se isso era saudável para qualquer um, imortal ou não. Outro parecia ser um Bloody Mary, com sangue real pelo cheiro. Mais do que provável era para os vampiros



ou outros supernaturais que preferiram o sangue humano no lugar do suco de tomate. Ele não era um desses.

Ele também era bem seletivo quando se tratava do que bebia. Ele gostava de licor e cerveja, simples e direto. Ele pegou a cerveja e notou que Bane não estava pegando uma bebida, mesmo com a insistência da ruiva perto dele.

Bane levantou uma mão indicando que ele não estava interessado em tomar uma bebida.

— Não. Obrigado mesmo assim.

A mulher vibrou os lábios e balançou os quadris para frente e para trás um pouco, como se para atrair Bane.

— Então me diga o que você quer. — Bane olhou para Weston.

— Meu amigo exige companhia feminina. Por enquanto, vou apenas assistir.

Ela balançou a cabeça, olhando Bane lentamente.

— Que desperdício, mas se ser um voyeur é o seu objetivo, nós também atendemos a isso. Tem certeza de que não quer um pouco mais? Eu ficaria feliz em dar a você.

— Não. Eu estou bem. Obrigado pela oferta. — Weston olhou para o amigo e depois falou no seu canal mental.

— *Eu pensei que você precisava lidar com os impulsos?*

— *Eu preciso, mas primeiro eu quero olhar ao redor. Você sente isso?*

— *Sentir o quê?* — Perguntou Weston, já sabendo o que Bane diria. Claro que ele sentiu que algo estava errado também.

Merda.



Weston estava querendo apenas ter uma foda rápida e continuar com a busca da misteriosa garota com cheiro de morangos e creme. Claro que a noite viria com muito mais. Por que não?

A loira deu um sorriso sensual quando estendeu a mão e tocou a cerveja que ele estava segurando.

— Diga-me o tipo de mulher que deseja e que tipo de experiência você está procurando. Nós temos tudo. E quero dizer tudo mesmo. Estamos aqui para garantir que suas fantasias sejam atendidas.

Weston entregou-lhe a cerveja e depois parou no meio do movimento quando o cheiro de morangos frescos e creme bateram no nariz dele. Ele congelou. Era ela. Ela estava aqui. Ele estava certo disso. Isso ou ele estava sonhando enquanto estava completamente acordado.

Tudo era possível.

O cheiro despertou o urso nele, certificando-se de que o homem prestasse atenção.

Claro que você se anima quando os morangos entram em jogo, cara, pensou, mais à sua besta interior do que ele.

Seu pênis endureceu em uma rapidez chocante. Ele cheirou o ar sem se preocupar em tentar fazer a ação parecer uma que um ser humano faria. Não havia nenhum no clube subterrâneo. Ele estava cercado por aqueles que entendiam o que ele era. Por aqueles que ganhavam a vida com suas necessidades alfa.

Bane o cutucou.

— Weston?

— Você sente esse cheiro? — Ele perguntou, seu pulso e respiração acelerados. Quem era a dona do cheiro? Ela estava realmente aqui ou ele estava apenas imaginando isso? Sua mente finalmente



havia se perdido? Ele ficaria igual a Gus, que tinha dons semelhantes, mas estava obviamente quebrado?

— Que cheiro? — Perguntou Bane, aproximando-se.

— Morangos e creme. — Respondeu Weston no piloto automático enquanto rodava em círculos, olhando ao redor, tentando descobrir se era real ou somente na cabeça dele.

— Eu não cheiro nada além do sexo. O lugar tem muito disso. — Disse Bane. — Você está bem?

Ele acenou com uma mão para o amigo de uma maneira distraída. Ele não podia se preocupar com Bane agora. Não quando ele estava tão perto da mulher que estava assombrando seus sonhos. Ele tinha que encontrá-la. Ele tinha que vê-la. Tinha que colocar um rosto no cheiro. Principalmente, ele tinha que ver se ela era real ou se ele finalmente havia quebrado.

Ele fez um movimento para entrar no clube, mas a loira bloqueou seu caminho. Ele não queria uma bebida ou fazer uma seleção. Ele queria a dona do cheiro. Ele poderia ter movido a loira com facilidade, mas ele não tocava uma mulher desse jeito, a menos que ela estivesse empunhando uma arma ou mudando para tentar matá-lo. Isso aconteceu várias vezes na sua longa vida. Os homens maus não são apenas homens. Eles também vieram na forma de mulheres. Uma lição que ele aprendeu da maneira mais difícil, e ele tinha as cicatrizes para provar.

— Quem é essa? — Ele perguntou, cheirando mais o ar, o cheiro de morangos e cremes misturado com outra coisa. Medo?

A necessidade de encontrar a dona do perfume e protegê-la quase o consumiu. E ele sabia sem sombra de dúvida que o aroma pertencia a uma fêmea. Mas não era uma mulher qualquer. Era aquela que ele deveria encontrar. A mulher com quem ele sonhava. Ele apostaria sua vida nisso.



A loira pressionou mais perto dele, a bandeja de bebidas começando a balançar. Havia preocupação em seus olhos. — Ok, me diga, o que cheira?

— Perfeição. — Ele disse, sem saber por que a palavra surgiu. — Eu a quero. Eu quero aquela que eu cheiro. Vou triplicar o que você pede por ela. Eu a quero agora.

— Weston, irmão. — Disse Bane, com preocupação em sua voz. — Você está bem?

Ele olhou para o clube mal iluminado, seu olhar procurando cada grupo de pessoas. Alguns estavam acariciando-se mutuamente e outro grupo estava envolvido no sexo oral ao ar livre. Na parte de trás da mente de Weston, ele pensou nos clubes que ele tinha frequentado no passado que eram de outra forma. Muito poucos permitiram que tais atos fossem feitos na área aberta. Mas ele não se importou. Tudo o que ele queria agora era encontrar a mulher que cheirava como morangos e cremes.

Ele passou pela mulher na porta, apesar de seus protestos. Weston aproximou-se dos grupos de pessoas. Se alguém estivesse tocando a mulher que ele estava cheirando, iria arrancar suas fodidas cabeças. Ela era dele.

Dele?

Ele fez uma pausa, percebendo que estava suando. Alguém estava tocando nele, mas por quê? Ele olhou para o antebraço e encontrou a mão de Bane lá, agarrando-o. Bane olhou para ele.

— Weston, devemos ir, algo não está certo com você.
— Ele disse com uma voz que soava como se estivesse trabalhando duro para manter a calma.

Balançando a cabeça, Weston negou. Ele lutaria com Bane para ficar se isso acontecesse. Seria um inferno, mas ele não se importava. Ele não estava indo embora. Não sem a mulher.



— Não. — Bane franziu o cenho, mas não disse mais nada quando soltou o braço de Weston. Ele recuou.

— Faça o que você deve. Eu te dou cobertura.

Era o que Weston precisava ouvir. Ele seguiu para a parte do fundo do clube. Vagamente ele ouviu um pouco de agitação atrás dele, mas ele não se virou para ver o que era. Ele continuou indo, atraído para o corredor do outro lado da sala. No momento em que entrou, ele congelou. Havia uma mulher com uma cabeça raspada com cheiro de vampiro, e outra mulher com ela, cheirando o mesmo. Era fraco, mas estava lá. Talvez recém-transformada. O seu pau duro começou a murchar como se alguém tivesse jogado água fria sobre ele.

Teria sido atraído por vampiras?

Ele estava prestes a se afastar quando o cheiro de morangos e creme o acertou novamente, quase o derrubando. Rindo, ele correu para frente e as vampiras se viraram com os olhos arregalados.

— Onde ela está?

— Quem? — Perguntaram em uníssono, tentando soar inocentes e falhando miseravelmente.

Farejando no ar, ele sentiu que seu animal começou a ganhar, e sabia sem precisar de um espelho que seus olhos trocaram de cor para um marrom escuro e profundo, que faz fronteira com o preto. As suas narinas se acenderam quando a necessidade ardente de encontrar e reivindicar a dona do cheiro continuou a atacá-lo sem piedade. Ele sacudiu, suas garras comichando para emergir da ponta dos seus dedos. Ele rasgaria os membros das vampiras se elas não lhe dessem quem ele queria. A cabeça raspada sorriu e depois lambeu os lábios. As vampiras compartilharam um olhar e sorriram como se não fosse nada.



— Alfa shifter masculino, hmm?

— Sim. — Ele disse, sua voz mais aguda. Pelos apareceram em seus antebraços e sua roupa ficou mais apertada. Muito apertada.

— Weston. — Disse Bane. — Controle-se, cara, ou você vai perdê-la.

A vampira com a cabeça raspada continuou sorrindo quando torceu o dedo, aproximando-o.

— Nós temos uma coisa perfeita e especial aqui. O prêmio virgem. Eu aposto que é o que você quer, grande, forte, macho alfa.

Ele perdeu sua mente, sua cabeça cheia do cheiro do objeto de sua obsessão.

— Onde ela está?

Ela bateu na porta perto deles.

— Bem aqui, mas esteja avisado, ela vai desempenhar o papel perfeitamente. Certifique-se de jogar. Leve-a com força, seja áspero e duro.

Bane agarrou-o bruscamente.

— Isso é imprudente.

Ele se livrou de seu amigo e olhou para ela.

Bane suspirou.

— Não me faça derrubá-lo e arrastá-lo para fora de um bordel.

— Eu estou bem. — Disse Weston através dos dentes cerrados. — Bane ergueu uma sobrancelha escura.

— Mesmo? — As vampiras foram para Bane, acariciando-o e sorrindo, puxando-o de perto de



Weston e da porta. Aquela com a cabeça raspada fez sinal para Weston.

— Pode ir. Aproveite.

Ele abriu a porta, incapaz de aguardar mais. Uma vez dentro da sala mal iluminada, ele foi atingido com o cheiro desejado. Ele cambaleou e teve que recuperar o equilíbrio, sua respiração pesada, sua mente correndo. Ele olhou perto da cama e encontrou uma jovem mulher lá, seus olhos escuros passavam medo enquanto ela se pressionava contra a parede, como se quisesse se misturar com o papel de parede. Ela era pequena, talvez 1,65 no máximo, o que era pequeno em relação a ele.

Fodidamente pequena.

Seus grandes olhos castanhos estavam arregalados de medo e colocados em um rosto perfeito em forma de coração. Lábios cheios puxaram um suspiro. Ela não estava vestida como o resto das mulheres no clube, com quase nada. Esta mulher usava uma pequena camiseta branca que puxava contra seus amplos seios antes de acentuar sua cintura. Usava uma velha saia jeans que estava desgastada, como se fosse feita com um jeans real. Weston não conseguia se lembrar de um momento em sua vida quando ele achou uma escolha tão simples de roupas tão quente. Longas ondas de cabelo castanho encaracolado caíam sobre os ombros da mulher, quase tocando sua cintura. Ele podia ouvir seu coração martelando enquanto ele olhava para ela, seu urso montando seus pensamentos e ações, tornando mais difícil para ele se concentrar.

Ele conhecia essa mulher. Como ele a conhecia?

A besta continuou a empurrá-lo, exigindo que ele cedesse às suas necessidades. Exigindo que ele tomasse o prêmio. Para o inferno encontrar sua companheira nesta noite. Tudo o que ele poderia pensar era na mulher com ele agora.



Capítulo Cinco

Paisley não podia tirar os olhos do homem que entrou na sala. Ele era enorme. Bem acima de 1,60. Não parecia haver nenhuma parte dele que não fosse um músculo. As duas prostitutas que a jogaram na sala não mencionaram que o chefe era quente. Talvez o cara mais gostoso que já tenha visto. Ele transbordava poder e autoridade em toda a sala. Ela deveria estar aterrorizada com ele. Sobre o que ele estava prestes a fazer com ela, mas não estava.

O que quer que ela carregasse nela, qualquer coisa que a forçasse a preencher a energia sexual, mas nunca permitiu que ela chegasse longe o suficiente, parecia fazer um clique em alta velocidade, a deixando ansiosa para estar com o homem diante dela.

Talvez mais.

Com um suspiro, ela se afastou da segurança da parede do outro canto da sala, querendo chegar mais perto do homem. Havia algo selvagem sobre ele. Como se ele quisesse fode-la e bater nela até perder a consciência. A ideia soou bem para ela.

Espere, o que ela estava pensando? Corra. Caia fora. Grita.

Seu corpo não fez nada disto. Ela se viu lambendo os lábios, com o olhar erguendo sobre ele lentamente.

— Quão grande você é? — Ele inclinou a cabeça para o lado, com o olhar quase preto em seu rosto.

— Maior do que você provavelmente pode lidar.



—Vamos ver. — Ela retrucou, chocando-se ainda mais. O que havia de errado com ela? Por que ela de repente estava parecida com Gale que sempre estava atendendo homens? Toda a advertência que sua amiga alguma vez tinha dado voltou para ela imediatamente.

Tenha cuidado ao sentir que não pode parar. Você poderia matar alguém. Certifique-se de que o homem pode lidar com isso. Certifique-se de que ele pode lidar com o que você é.

Enquanto olhava para o homem na sala, o chefe, ela sabia sem sombra de dúvidas que ele poderia lidar com ela. Ele poderia mais do que lidar com ela. Paisley andou mais adiante, levantando a cabeça, o queixo inclinado para cima, falsa confiança parecia emanar dela.

— Estamos fazendo isso? — O homem tocou a frente de seu jeans, sua ereção longa e dura delineada para ela ver.

— Oh, certamente estamos fazendo isso.

Ela teve que esconder o sorriso. Ela não era do tipo que apenas se atirava contra um homem. Por que no mundo ela estava fazendo isso agora? Por que com ele? Ele era um idiota, era o chefe daquela vampira cadela e sua amiga. Mais do que isso, ele provavelmente teve algo a ver com o desaparecimento de Gale. Sua mente racional gritou para ela saltar sobre esse homem, arrancar os seus olhos e exigir respostas. Não foi o que aconteceu. Sua mente parecia ter pensamento próprio. Ela se viu cada vez mais disposta a ir para perto do homem. Ele puxou sua camiseta sobre sua cabeça e a deixou de lado.

Ele ficou ali, observando-a com olhos anormalmente escuros, com a parte superior do corpo nu. Todos os músculos ondulantes lá para ela ver, provocando-a como se estivesse dizendo "venha me tocar, venha sentir o quanto eu estou duro". Sua boca salivava enquanto ela cobria a distância entre eles, cada passo que ela tomava confirmando o que aconteceria. Ela iria fazer sexo com ele, e iria amar cada segundo.



Simplesmente estar na sala com ele era uma onda de energia sexual ao contrário de qualquer uma que já havia experimentado antes. Isso a fez se sentir viva, realizada, e isso deixou seu desejo ainda maior. Seria fácil tornar-se viciada nele, ele parecia irradiar pura masculinidade e necessidade crua.

Seu cabelo ondulado e castanho escuro pendia em seus ombros, aumentando seu sex appeal. Uma barba cobria sua forte mandíbula e ela se encontrou alcançando seu corpo, querendo entrar em contato com o rosto dele.

Ele inclinou a cabeça, sua respiração rápida. Foi então que ela notou que suas mãos estavam para os lados, como se estivesse lutando contra a necessidade de entrar em contato com ela. Lutando com a mesma atração que sentia por ele.

— Posso tocar em você? — Ela perguntou, sentindo-se mais como ela mesma e menos como uma viciada em sexo enlouquecida.

— Inferno, sim. — Ele disse, soando desesperado. — Toque-me por toda parte, querida.

— Paisley. — Ela disse, falando seu nome sem pensar nisso. No fundo, ela sabia que deveria perguntar a ele sobre sua amiga. Descobrir o que esse homem poderia saber, mas não foi isso o que saiu da boca dela. — Ou meu nome pode ser qual você quiser.

Seus lábios se curvaram, e merda se ele não ficou ainda mais sexy.

— Seu nome é Paisley? — Ela assentiu.

— Nome verdadeiro ou nome que usa no clube?
— Ele perguntou, aproximando-se dela, pegando sua mão na dele e trazendo-a até sua bochecha. Ele então passou sua mão do pescoço até o tórax. Sua pele estava viva ao toque. E ela estava molhada só de olhar para ele, seus olhos escurecidos, sua



respiração rápida, sua pele quente, ela mordeu o lábio inferior.

— Shifter? — Perguntou, sem saber o que a fez adivinhar. Ele assentiu.

— Urso.

— Você é um shifter de urso? — Perguntou surpresa. Ela nunca conheceu nem mesmo ouviu falar sobre um deles.

— Responda minha pergunta primeiro, querida. — Disse ele, arrastando a mão para baixo em seu tronco. — Esse é o seu nome verdadeiro?

— É. — Ela disse ofegante enquanto seus dedos passaram pelo início de uma linha de cabelo que corria para baixo no jeans.

— Agora responda a minha pergunta.

— Sim. Eu sou um shifter de urso. Isso vai ser um problema? — Ele perguntou, suas mãos se dirigiam para o cabelo dela. Ele o levantou e trouxe os longos fios para o rosto dele, inalando profundamente. Seus olhos rolaram um pouco e ele grunhiu levemente. — Morangos e creme.

— O quê? — Perguntou, estava mais concentrada em seu abdômen do que em suas palavras. Seu abdômen tinha cicatrizes. Eram fracas, mas todas iguais. Várias tatuagens cobriam sua pele, apenas deixando ele mais quente. Ela sorriu quando notou que uma das tatuagens era um urso tribal. Ela queria inclinar-se para frente e lambe-lo. Quando ela pensou mais sobre onde estava e com quem estava, ela fez exatamente isso. Ela lambeu uma linha perto de uma de suas cicatrizes mais longas.

O homem respirou fundo e depois a surpreendeu, levantando-a de seus pés, fazendo-a gritar. De repente, ficou olho a olho com ele. Seus lábios cheios estavam tão perto que Paisley fez o que qualquer garota que precisava de energia sexual faria naquela situação.

Ela o beijou.



Sua boca se abriu e antes que ela soubesse, ele estava no controle do beijo. Sua língua entrou na boca dela e ela gemeu, sua língua encontrando a dele. O fogo entrou em erupção dentro dela e ela pensou que poderia queimar viva se ele não se apressasse e fizesse as coisas se moverem mais rápido.

Ela passou as mãos por seus ombros, o beijo tornando-se mais rápido e mais quente. Ela mordeu o lábio inferior enquanto suas pernas se enrolavam em sua cintura, seus corpos apertados firmemente. Ela sentiu o cheiro que um homem deveria ter. Selvagem, floresta, terra, ar.

Tudo sobre ele a excitava, exigindo que ela tivesse tudo o que pudesse dele. Ele parecia disposto a ceder às suas necessidades. Muito disposto.

Paisley parou de acariciá-lo o suficiente para puxar sua camisa sobre sua cabeça. Seus cabelos ficaram enrolados por um momento, mas conseguiu se libertar, seus seios cobertos de sutiã esfregando no rosto do homem, fazendo seus mamilos se endurecerem, ele rosnou, pegando um na boca e mordendo levemente pelo tecido, tornando-o mais duro.

Ela temeu por uma fração de segundo de que realmente poderia explodir em chamas se ele continuasse, ele continuava tornando-a cada vez mais quente. Ela pegou os lados de seu rosto.

— Você tem um nome ou eu chamo você de chefe?

Ele balançou as sobrancelhas. — Chefe funciona.

Algo alto bateu na porta e Paisley se empurrou nos braços do homem, agarrando-o com força, sabendo que ele representava segurança, apesar de ser o líder das garotas malvadas. Ele moveu suas mãos ao redor dela, segurando-a pelas costas.

— O que foi isso? — Ela perguntou, seu olhar indo em direção à porta.

Ele brincou com o mamilo através do sutiã mais uma vez.



— Eu não me importo se o mundo está acabando. Eu só quero isso. Você. Aqui e agora.

Sua atenção voltou para ele e ela encontrou seu olhar, seu peito apertando, seu corpo doendo por mais dele. A necessidade refletida em seu olhar. Ela desabotoou o sutiã na frente, permitindo que seus seios ficassem livres para serem tomados. E ele tomou. Ele usou uma mão para segurá-la e a outra levou ao seio enquanto a beijava, sugando seu mamilo. Cada deslize de sua boca fez sua boceta se contrair como se soubesse o que estava por vir. Ela nem sabia o que ia acontecer a seguir, mas seu corpo parecia saber.

Ela fechou os olhos um segundo, curtindo a onda de energia sexual que a atravessava. Ela nunca se sentiu tão viva. Tão livre. Tão selvagem. Ela amava cada momento disso.

Ele caminhou na direção da parede e depois a pressionou contra ela, usando seu corpo para prendê-la no lugar. Ele se esticou e levantou mais sua saia, seus dedos deslizando sobre sua calcinha. Ela ficou tensa quando ele arrastou sua calcinha para o lado, o dedo se aproximando da sua fenda.

Ele beijou sua boca quando tocou sua entrada molhada e quente. Ela tentou mover seus quadris mais, para forçar seu dedo a entrar, mas ele era muito forte e tinha controle total sobre seus movimentos. Ele congelou, sua língua enrolada em torno dela.

Ele parou o beijo, mas manteve o rosto onde estava, o dedo em sua entrada, o corpo pressionado contra o dela.

— Você é virgem?

— Sim. — Disse ela, tentando novamente mexer seu dedo, sem sorte.

— Uma verdadeira virgem? — Ele perguntou, sua voz aumentando um pouco.

Ela fez uma pausa.

— E que outro tipo existe?



Ele permaneceu no lugar.

— Merda. Eu pensei que quando eles disseram que você era o pacote de premiação virgem, apenas significava que você era uma garota que fingia ser uma e desempenhava o papel. Fingir ser uma e na verdade ser uma são duas coisas bem diferentes.

Ela empurrou seu peito, querendo mais do que ele estava dando.

— Chefe, me foda. Agora.

Todo o seu corpo ficou tenso, e então ele tirou o dedo de sua entrada, deixando-a necessitada.

— Assim não.

— Oh, assim é perfeito. Faça isso! — Ela exigiu, puxando-o desta vez. Era como tentar mover um caminhão usando apenas um dedo mindinho. Não estava acontecendo.

— Paisley, eu quero. Confie em mim, eu quero, mas tenho que viver comigo mesmo amanhã de manhã. — Disse ele, tirando seu rosto do dela ligeiramente. Foi então que ela notou que seus olhos já não eram escuros. Eles eram um azul real que parecia ficar melhor nele.

Ela inclinou a cabeça, os dedos dela agora estavam abaixo dos seus olhos.

— Seus olhos estão azuis agora.

Ele assentiu e então seu olhar se estreitou. Ele ergueu o cabelo dela e sentiu o cheiro novamente. Antes que ela soubesse, ele a colocou suavemente em seus pés, a virou de costas e se afastou. Ela viu pessoas suficientes fazendo sexo no clube para conhecer todas as posições. Se ele quisesse assim, bem. Enquanto ele terminasse o que começou. Quando ele não fez mais nada, ela olhou por cima do ombro para ele.



— Chefe? — Ela questionou, notando que seus olhos estavam largos e um brilho de suor agora estava cobrindo sua sobrancelha.

— Oh merda. — Ele disse suavemente.

— O que é isso?

— O perfume, o cabelo, o perfil por trás. — Disse ele, sua voz firme, mesmo que o suor adicional rolava sobre ele, desta vez descendo até seu peito. — É você.

— O quê? — Ela perguntou, não o entendendo mais. — Chefe, você não está fazendo muito sentido.

Ele passou a mão pelo rosto.

— Eu corri para um clube de sexo na esperança de aliviar a energia antes de conhecer minha companheira e, em vez disso, eu caminhei diretamente para ela e quase perdi o controle de qualquer maneira.

— Tudo bem, você me confundiu completamente agora. — Ela se virou para encará-lo.

Ele fez uma pausa e então sua expressão ficou tensa.

— Espere um minuto. Por que diabos você está em um bordel?

Ela endureceu, não gostando do que ele estava implicando. Não era como se ele estivesse acima dela na situação.

— Você está aqui, por que não posso estar?

— Você estava esperando aqui nesta cova de devastação para qualquer cara velho aparecer e socar seu V-card? — Ele perguntou, movendo-se em direção a ela, o peito arfando.

— Cova de devastação? Você é real? — Ela deu um passo para trás e levantou as mãos. — Meu V-card? Chefe, você está usando drogas?



Ele acenou com uma mão no ar como se estivesse esmagando moscas e a olhou por um momento.

— Cartão de virgem. É como as crianças de hoje em dia estão chamando.

Ela não conseguiu parar o riso que borbulhava livre dela. Ela cobriu a boca e continuou rindo.

— Cartão de virgem? Sêrio? Eu acho que você foi mal informado.

— Acha que isto é engraçado? — Ele cruzou os braços sobre seu peito maciço. — Explique por que você está aqui.

Dando uma respiração profunda, ela colocou as mãos em seus quadris.

— Você comanda o lugar. Explique isso.

— Eu o quê? — Perguntou ele, parecendo confuso. — Eu não comando o lugar.

— Elas disseram que o chefe estava chegando e que ele tomaria a minha virgindade. — Disse ela, referindo-se a cadela vampira e sua amiga. — Eu pensei que você seria uma fera horrorosa em forma de homem. Agora percebo que é apenas um tolo.

Ele piscou, com muita surpresa em seu rosto.

— Oh, eu sou mesmo uma fera, baby. Eu vou te mostrar o quanto posso ser mais tarde. Agora, junte as suas coisas. Vamos embora.

Ela se manteve firme.

— Eu não vou a lugar nenhum com você, chefe.

Ele nivelou seu olhar sobre ela e ela teve um sentimento que ele apenas a jogaria sobre o ombro se necessário. Não seria difícil para ele. Ele era enorme e poderoso.



— Você com certeza vai e o meu nome é Weston, baby. Aprenda-o, porque você está presa a ele e a mim.

Ela manteve as mãos em seus quadris, tentando parecer como se tivesse uma chance de ganhar esta batalha.

— Eu não estou presa com ninguém ou qualquer coisa. Vou para casa. Saia do meu caminho.

Ele a pegou pela cintura e a puxou para ele, fazendo seu corpo esquentar mais. Ela estava dividida entre esbofeteá-lo e beijá-lo.

— Você não está colocando os pés no clube sem mim. — Disse ele, seu hálito quente sobre sua bochecha. — Nenhum homem sequer pode olhar para você, muito menos tocá-la. Eu não sei o que diabos você está fazendo trabalhando em um lugar como este, mas isso acaba neste instante. Você vai para casa comigo. Que é onde você pertence.

— Desculpe chefe, err, Weston. — Disse ela, gostando da sensação de ser mantida por ele, mas não gostando de sua possessividade. Ela não era um objeto para ser possuída. Não. Ela tinha vivido por conta própria por muito tempo para deixar algum idiota cheio de testosterona começar a mandar nela de repente — Eu não te conheço. Você não é meu dono. Você não é meu chefe.

Ele bufou.

— Querida, sou muito mais do que o seu chefe. Eu sou o seu companheiro.

Companheiro?

Gale e seus amigos tinham falado sobre companheiros antes. Eles eram supernaturais destinados um ao outro. Disseram que o vínculo entre eles era instantâneo, assim como a atração. E eles brincaram sobre como feroz e super protetores os machos eram com suas companheiras. Como eles eram teimosos, e que a natureza os deixou



agindo dessa forma. Algo sobre a necessidade inata de proteger sua companheira a todo o custo, às vezes colocava à sanidade do companheiro em questão.

Esse cara tinha a parte da atração instantânea.

Sua boca abriu e, em seguida, fechou novamente quando as palavras falharam. Ela não poderia ser sua companheira. Ela nem o conhecia. E ela não tinha planejado estar no clube. Ela só precisava recarregar as baterias e acabou presa em um quarto. Então, ele tinha acabado de entrar no lugar e começou a tocar nela. Quando ela pensou mais sobre isso, ela encontrou sua ira subindo mais uma vez.

— Espere um minuto, o que você está fazendo em um bordel se você não é o proprietário? — Ele endureceu e depois a colocou no chão, apoiando-se e levantando as mãos. Se seu objetivo era parecer inocente, ele falhou, miseravelmente.

— Agora, querida, escute. Eu disse que sou um Shifter, certo?

— Sim, você disse. — Disse ela, olhando-o de perto, percebendo por que ele estava realmente lá e que não era para salvá-la. Ele estava lá para uma seção paga, assim como todos os outros caras que frequentavam o estabelecimento.

— Mas esqueceu de mencionar que além de um idiota que procurava sexo em clubes, aparentemente gosta de comprar o pacote de prêmios virgens.

Seu rosto ficou avermelhado.

— Não é assim.

— Parece que é exatamente assim, chefe. — Ela apontou para ele. — E você ousou me dar um sermão.

Ele manteve as mãos para cima.



— Querida, escute. Por favor. Eu não faço sexo há semanas e eu estou a muito tempo sem sexo, e eu estava preocupado em procurar por você sem me aliviar primeiro, porque eu poderia machucá-la.

Ela deu a ele um olhar aguçado, imaginando se ele percebeu o quão ridículo o seu argumento parecia.

— Dizer isso em voz alta faz você perceber o quão estúpido soa? — Ele teve a decência de oferecer um sorriso tímido.

— Sim, um pouco. — Ela balançou o dedo para frente e para trás na frente do seu rosto.

— Urso mau. Agora, saia da frente. Estou indo embora. — Ele baixou as mãos.

— Paisley, por favor. Ouça-me.

— Oh, eu ouvi você. — Disse ela, balançando a cabeça. — Esta noite continua ficando cada vez melhor. Gale está desaparecida. Jinx se foi. Então eu preciso me alimentar, vim aqui na esperança de poder fazer isso e só para ser jogada e trancada aqui por alguma vampira cadela que, aparentemente, ia me entregar ao seu chefe. Então, meu suposto companheiro aparece com a esperança de coçar sua cocôira antes que ele me encontre para não me machucar e depois me resgatar? Por favor...

— Você conhece Jinx? A amiga de Asher? — Weston aproximou-se dela. — Espere, essas vampiras a trancaram aqui? — Ela assentiu.

— Sim, elas me trancaram aqui. E quem é Asher? — Ele cerrou seu maxilar.

— Elas disseram que estavam te dando ao seu chefe?

— Eu pensei que você era ele. — Disse ela, puxando a saia para cobrir a calcinha e fechando seu sutiã. Era o suficiente de um show para Weston.



Ela terminou. E ela certamente terminou com todas as conversas sem sentido de companheiros. Muitas vezes em sua vida, suas esperanças haviam sido esmagadas, e ela aprendeu em certa idade que nada vem fácil e que os contos de fadas não eram reais.

A vida era uma puta, e ela só tinha que descobrir como sobreviver. Ela não precisava de uma complicação como Weston. Agora não. Ela só precisava sair do clube e encontrar Gale. Sua amiga estava desaparecida e não tinha tempo para nada disso. Quanto mais ela pensava sobre isso, mais suas emoções começaram a emergir, ameaçando superá-la. Ela fez um movimento para se afastar quando as lágrimas ameaçaram cair.

Weston moveu-se e tocou suas mãos, parando suas ações.

— Paisley, olhe para mim. — Ela fez, mesmo que não quisesse. O homem era uma fraqueza que não podia resistir.

— E você iria se entregar livremente a esse chefe? — Ele perguntou, ferido. Ela mal conhecia o homem, mas até sentiu-se mal por ele. Ela balançou a cabeça.

— Não. Eu estava procurando algo para tacar nele quando você entrou. Eu pensei que você fosse ele e, eu não sei. Algo sobre você me fez reagir de forma diferente. Eu normalmente só venho aqui para absorver a energia sexual permanecendo nos salões. Nunca participo dos eventos, obviamente. Mas então você apareceu e tudo mudou. Não consegui pensar direito. Eu só queria que você terminasse o que você tinha começado. — As lágrimas que ela tinha feito tão bem em manter sem cair retornaram. Desta vez como uma vingança. Ela quebrou e Weston a arrastou para dentro de seus braços.

— Shhh, baby, está tudo bem. — Ele disse, abraçando-a, oferecendo o conforto que ela não estava acostumada a receber. — Ninguém vai te machucar agora. Se o chefe se atrever a mostrar o rosto dele, vou arrancar a merda do pescoço dele. Ninguém toca minha mulher. Ninguém. Entendeu?



Ela riu pelas lágrimas e depois se acalmou, pensando em tudo o que ele havia dito.

— Espera, você está falando sério? Você acha que eu sou sua companheira?

— Eu sei que você é. — Disse ele com naturalidade. Determinação gravada em seu rosto. — Eu tenho sonhado com você por semanas. Então Gus disse que você estava aqui e que precisava de ajuda, e aqui estou eu.

— Gus? — Perguntou, tendo dificuldade em entender.

— Longa História. — Disse ele, limpando suas bochechas.

— Ouça, eu entendo você não saber quem sou e nem confiar em mim.

— Curiosamente, eu confio em você. — Ela disse, balançando a cabeça, chocada com seu próprio comportamento. Ela não sobreviveu muito tempo sozinha confiando cegamente em ninguém. — Eu não sei por quê.

— Porque somos companheiros. — Ele disse com uma piscadela. Ele cuidadosamente pegou cada lado do seu sutiã e moveu-os para cobrir seus seios expostos, prendendo-os no centro. Ele não tentou senti-la ou se aproveitar. Em vez disso, ele teve o cuidado de evitar qualquer coisa além de ser suave e gentil. Com seu tamanho, ela teve que adivinhar que, sendo gentil, tomou muito esforço de sua parte.

Ele se curvou e agarrou sua camisa, parecendo rígido em seus movimentos. Por algum motivo, ela não gostava de vê-lo dolorido ou pensar que ele poderia estar com dor.

— Você está bem? — Perguntou, tocando suas costas enquanto ele estava dobrado.

Ele gemeu, tocando na frente de seu jeans. — Morrendo por meio de uma maciça ereção, mas vou ficar bem. Você é o que importa aqui, não eu. Eu vou nos tirar daqui e depois podemos descobrir o resto.



— Ou. — Disse ela, tocando seu rosto quando ele começou a ficar de pé, com a camisa na mão. Ela se sentia ousada perto dele, e livre. E não havia como negar quão excitada ele a deixava. Ele fez sentimentos emergirem. Ela queria ser livre e queria ele. Não ousava negar o fato.

— Nós poderíamos tirar a parte do sexo do caminho... — Ele fechou os olhos.

— Paisley, eu não fiz sexo ultimamente. Eu sou perigoso agora. Eu deveria estar acorrentado no nosso primeiro encontro. E realmente, eu deveria fazer coisas românticas para você, e merda! Fazer tudo o que os homens fazem para que as mulheres se sintam especiais.

Ela quase riu de como fora do lugar ele parecia por falar sobre coisas românticas.

— Weston, eu entendo o que você é. Eu entendo o que você está me dizendo, que você é perigoso, mas, honestamente, você parece estar bem no controle agora mesmo.

— É tudo um show, baby. Confie em mim, estou a pouco de foder você sem sentido.

Ela lambeu os lábios, querendo o que ele estava sugerindo.

— Faça. Foda-me sem sentido. Temos o quarto, e ele é para esse tipo de coisa. Vamos usá-lo.



Capítulo Seis

Weston não conseguia tirar os olhos de Paisley. Ela era a mulher mais linda que já havia visto na vida.

— Baby, eu sou uma bagunça de um homem. Você precisa saber disso antecipadamente. E, embora isso seja verdade, sou um homem suficientemente grande para saber como tratar a minha mulher.

— E você acha que eu sou sua mulher? — Ela questionou, seus lábios tinham um leve frescor. Ele queria beijá-los. Ele resistiu apesar de ser uma das coisas mais difíceis que ele já havia feito. Tanto quanto queria negar quem ela era para ele, não podia. Ele sabia em seus ossos que ela era dele. Ele não precisava de outra pessoa para verificar. Ele não era tão grosso quanto alguns machos alfas, mesmo que outros pensassem que ele fosse.

— Eu sei disso. Eu acho que você também. — Ele tocou no inchaço de seu peito esquerdo, sua pele lisa debaixo da ponta dos dedos. Ela não entendia o que a visão dela desfeita assim estava fazendo com ele? Ela não percebeu o quão perigoso poderia ser? — É por isso que você estava disposta a se entregar quando entrei nessa sala. E antes de protestar, você não me disse que não tinha vontade de fazer isso antes de eu chegar?

Ela se acalmou e então olhou para baixo, respirando profundamente antes de encontrar seu olhar mais uma vez, sua mão indo para a dele.

— Eu nunca quis que alguém me tocasse até você. Eu admito isso. O que isto significa?

— Que seu companheiro é um idiota que buscou sexo em clubes, e que aparentemente, gosta de comprar prêmios virgens. — Ele disse com uma piscadela.



Um sorriso foi sua recompensa, e maldição se ela não parecesse ainda mais sexy. Ele queria tocar seus lábios, passar os dedos sobre eles e depois prová-los novamente.

— Chefe. — Ele sorriu.

— Isso mesmo, baby. Não esqueça isso.

Ela pegou sua mão na dela e levou-a até a bochecha dela. Nenhuma palavra adicional foi dita enquanto ela plantou um beijo terno em cada um dos nódulos e depois tirou a camisa da outra mão. Ela inclinou-se sobre sua cabeça e então se curvou, pegando sua camisa por ele.

— Você deve colocá-la antes de eu lambe-lo de novo.

— Nesse caso, estou arrancando a maldita camisa. — Disse ele, aproximando-a mais dele. Ele gostava de tocá-la. Gostava de fazer contato. Ele sabia no fundo que deveria sair do clube com ela. Que algo estava lá fora e ela não estava segura, mas caramba se não mergulhou a cabeça e capturou seus lábios com os dele.

Ele gemeu quando ela abriu a boca. Levou tudo o que tinha para afastar sua boca da dela, o sabor ainda nos lábios. Ele suspirou.

— Nós precisamos ir.

— Eu sei. — Ela sussurrou, ficando perto dele. — A porta da sala abriu-se bruscamente e Weston se atirou sobre Paisley, cobrindo-a com o seu corpo, protegendo-a dos fragmentos de madeira enquanto eles estilhaçavam. Em alerta, ele se virou, andando rapidamente, suas garras emergindo, prontas para proteger o que era dele.

Paisley.

Seus gritos ecoaram ao redor da sala quando ele se encheu do estilo rei dos Shifters. Os filhotes de vampiros que lhe haviam dito que Paisley estava no quarto estavam lá, sorrindo de orelha a orelha. Elas



riram quando vários dos grandes híbridos machos foram em direção a ele. Alguns, como outros híbridos que Weston encontrou nos últimos meses, não pareciam como humanos. E todos cheiravam a podridão, como se estivessem decaídos diante de seus olhos. Quem ou o que quer que esteja criando essas coisas, não tinha conseguido exatamente a mistura, porque nada deveria cheirar como eles.

— Rasguem-no em pedaços, meninos. — Disse a de cabeça raspada.

— O chefe quer a menina. Ele tem um ponto fraco para os súcubos. Tente não a machucar demais. Se você a matar, vou mentir e dizer-lhe que os Shifters fizeram isso.

Weston não reagiu, embora ele tivesse que concordar com Paisley que a garota era uma cadela. Ele olhou por cima do ombro para ter certeza de que sua mulher estava coberta da visão de olhos curiosos. Ela estava completamente vestida. Ele a puxou mais, mantendo-a atrás dele. Ele não queria que nenhum desses idiotas desse um passo para ela.

— Eu estou atrasado? — Bane apareceu na entrada, com a aparência sangrenta, sangue escorrendo de sua boca. Sua camisa estava desaparecida e suas calças estavam parcialmente desfeitas. Ou a luta que ele tinha estado antes de chegar era uma batalha ou Bane cedeu à tentação de satisfazer suas necessidades alfa. Ele piscou um sorriso largo e olhou ao redor da sala. — Bom, não perdi a festa.

— Você já começou a festa. — Disse Weston, notando que as mãos de seu amigo estavam sangrando.

— Eles começaram. Eu estava meio ocupado com meu próprio negócio, curtindo um pouco de show e bam, eles tentaram me atacar. — Bane olhou para Paisley.

— E o que vocês estavam fazendo?

— Não tanto quanto eu teria gostado. — Disse Weston com um resmungo, seu olhar no inimigo.



Ele esperou que eles fizessem o primeiro movimento. Para mostrar sua mão. Não demorou muito. Um híbrido pulou em Weston e o atacou, indo com precisão e força. Esses idiotas não estavam colocando uma mão em Paisley. Nunca.

Bane saltou para a sala, atacando dois inimigos ao mesmo tempo. Ele saiu do chão com uma cabeça em uma mão e um braço do inimigo no outro, um sorriso de merda no rosto.

Weston torceu, cortando um híbrido pela metade, o sangue jorrou em sua direção e ele desviou, batendo no rosto dos vampiros em vez disso. Um deles gritou e ele balançou a cabeça.

— Jogando com os grandes homens agora, senhoras. E realmente, você é vampira, um pouco de sangue e coragem deve ser sexy para você.

A cabeça raspada olhou para ele.

— Mate ele! — Weston bufou.

— Não é o que eles estão tentando fazer?

Bane jogou um dos híbridos com tanta força que ele atravessou a parede, abrindo uma nova saída. Weston virou-se enquanto ouvia Paisley ofegar. O medo estava em sua garganta. Ele estava esperando encontrá-la à mercê dos bandidos ou morta.

Ele fez uma pausa no meio do movimento em outro homem quando viu sua companheira lá, de pé na cama, chutando e dando um bom golpe em um dos híbridos que estava tentando agarrá-la. O orgulho encheu ele ao vê-la lá, parecendo uma espécie de pequena princesa guerreira.

— Atrás de você! — Ela gritou quando Weston levou um golpe na parte de trás da cabeça e pescoço, mandando-o de joelhos.



Rosnando, ele levantou rapidamente e torceu, lidando com a ameaça instantaneamente, tornando o híbrido inútil. Ele se virou e atacou mais dois, seu olhar procurando no quarto por Bane. Havia uma grande concentração no outro lado da cama. Tinha que haver pelo menos seis híbridos lá, um do lado do outro.

Weston foi para o híbrido perto de Paisley primeiro, pegando e jogando-o na direção das mulheres vampiras.

— Pega.

Paisley afastou-se da cama e quase escorregou em uma piscina de sangue e pedaços no chão. Weston a pegou, arrastando-a contra ele, tremendo ligeiramente, percebendo o quanto a adrenalina o atravessava e apenas o quanto ele estava preocupado com ela.

Ela não estava tremendo, o que o surpreendeu. Ela o empurrou no peito.

— Seu amigo precisa de ajuda.

— Não, ele está bem. — Weston disse, sabendo que Bane poderia lidar com miseráveis seis híbridos. Assim que as palavras saíram da boca de Weston, Bane veio rugindo da pilha, sua metade parcialmente modificada para um gorila, fazendo sua massa ainda maior.

Puxando Paisley contra seu peito, Weston a protegeu de ver o que Bane estava prestes a fazer, rasgar os demais híbridos em pedaços. E ele fez. Bane então caminhou calmamente para a cama, puxou o lençol e o usou isso para limpar o excesso de sangue do rosto, do peito e dos braços quando voltou à forma humana, parecendo em paz.

Acho que o monge realmente funcionou para ele.

— Devemos ir agora. — Disse Bane. — Eu suspeito que isso é apenas o começo de tudo.



— Concorde. — Weston voltou, mantendo sua mulher perto enquanto olhava para as vampiras que estavam lutando para sair da pilha de híbridos desmembrados. — Diga a seu chefe que ele não está encostando um dedo nela. E deixe claro que se ele vem atrás de mim ou da minha companheira, eu irei até ele. E ele não vai querer isto.

Elas olharam para ele como se quisessem lançar brasas quentes através de seus olhos. Provavelmente elas queriam. Era uma resposta bem comum à sua presença. Aquela com a cabeça raspada sorriu e era tudo menos gentil.

— Nós sabemos tudo sobre você, Outcast. Ele virá para você, e irá atrás do outro também. — Ela olhou para Bane.

Bane encolheu os ombros.

— Ah, ele precisa pegar um número, querida. Tenho pessoas vindo atrás de mim desde o dia em que nasci.

Ela empurrou um híbrido morto dela e ficou parada, aparentemente despreocupada sobre enfrentar dois Shifters por conta própria. Quando olhou para cima, Weston seguiu seu olhar, notando as câmeras nos cantos dos corredores. Eles estavam sendo observados.

Ela lambeu os lábios.

— O chefe e seus amigos capturaram mais do que um do seu tipo. Na verdade, um é o brinquedo anal de um mestre vampiro e ele não é nada mais do que um boneco.

Weston queria ir até a mulher, arrancar a cabeça dela e mostrar para quem estava assistindo que ele não estava brincando. Seu instinto disse-lhe para não fazer. Que ela estava atrasando, provavelmente esperando mais híbridos. Que não tinha certeza de que ele e Bane poderiam tomar.

Bane inchou o peito e fez um movimento para ir à mulher. Weston balançou a cabeça, agarrando o amigo.



— Cheira como uma armadilha. — Bane exalou alto e depois recuou.

— Certo. Nós devemos ir. — A cadela raspada parecia preocupada.

— E os seus amigos? Temos alguns deles prisioneiros.

Ele pegou a mão de Paisley e levou-a pela abertura na parede em vez da porta, já que a porta estava agora bloqueada pela carnificina. Bane seguiu logo atrás. Não disse uma palavra mais para a mulher ou sobre o que ela afirmou ser fato. Eles seguiram para a frente do clube, as costas agora empilhadas com cadáveres.

Se a cadela e seu chefe tivessem mais shifters, Weston e Bane chegariam ao fundo disso, mas não aqui, não agora. Era hora de ir enquanto as chances de saírem vivos eram boas e eles pudessem viver para lutar outro dia.



Capítulo Sete

Paisley ficou perto de Weston enquanto ele a conduzia pelo clube escuro. Parecia vazio agora, mas sabia que não estava. Todos com algum sentido provavelmente estavam escondidos. Se ela tivesse algum sentido, nunca teria estado lá para começar.

Fechando os olhos brevemente, apertou a mão de Weston quando ele a conduziu na direção da entrada. Ela pensou em Gale e sobre as palavras da vampira, eles estavam mantendo cativos. Gale era um deles?

Ela puxou a mão de Weston, fazendo com que ele parasse. Ele olhou para ela.

— Você não vai ficar aqui.

— Eu sei, é só, bem, talvez ela saiba algo sobre minha amiga. — Ela disse, entendendo que era perigoso demorar mais do que o necessário no lugar. Tinha sorte de ter sido Weston quem entrou na sala e não quem estava dirigindo o show no clube. O amigo bonitão de Weston esbarrou nela.

— Desculpe. — O calor correu sobre ela quando colidiu com Weston. Quando ele a puxou de volta ao comprimento do braço, notou que seus olhos estavam dilatados. Ele sentiu isso também.

— Weston? — Perguntou o outro homem. — Você está bem?

Paisley olhou entre os homens, perguntando-se como era possível ter dois pedaços como Weston e seu amigo ocupando o mesmo espaço. Não era contra algum tipo de código universal? Um que impedia as mulheres de desmaiarem? Caso contrário, deveria ter sido. Ela engoliu. Ambos



eram muito sexys. Mas Weston ganhava com seus olhos. Não que o seu amigo ficasse atrás de qualquer maneira.

Era como uma fantasia erótica, um de cada lado dela. O jeans do amigo de Weston estava mal colocado e totalmente quente, e ele estava sem camisa. Como Weston, o homem tinha cicatrizes em seu corpo, embora as dele não fossem tão fracas quanto as de Weston. Um conjunto de cicatrizes alinhadas tão perfeitamente que parecia que ele tinha sido atacado por um animal enorme que tinha arrancado seu braço e levado seu torso no processo. E, como Weston, nenhuma das cicatrizes prejudicavam a aparência sexy dos homens.

O homem olhou para ela e levantou uma sobrancelha antes de olhar ao redor no clube.

— Weston, você vai roubar um carro para irmos? Eu não sabia que teríamos um pacote extra.

Paisley queria se ofender com a observação, mas olhou para Weston e o encontrou olhando para ela, começando a se agachar enquanto a observava, seus músculos se contraindo, chamando a atenção para o seu torso. Merda, ela amava os abdominais do cara. Ela olhou para o outro. Ele também era maravilhoso. Eles trabalhavam juntos? Oh cara, ela queria ver aquela sessão de treino. Podia imaginar todo aquele músculo duro apenas gotejando de suor, os dois se pareciam com deuses.

— Pare de babar no meu amigo. — Disse Weston, tocando seu queixo e forçando seu olhar para o rosto dele. Seu olhar azul estava aquecido e ela se perguntou o que estava passando pela mente do homem. Do ponto de vista dele, ele parecia dividido entre repreendê-la e pressioná-la contra a parede e fodê-la até o esquecimento.

Esperava que fosse o último dos dois, pensou com um suspiro ofegante.



— Você o viu? — Perguntou, antes de pensar melhor. Sua mente e seu corpo estavam em guerra um com o outro. As coisas aconteceram muito rápidas para que ela absorvesse tudo completamente. Ela sabia no fundo que provavelmente estava em estado de choque. No entanto, não interrompeu seu comportamento. — Difícil de não babar.

Weston cerrou os dentes e um grunhido baixo veio dele, fazendo com que seu núcleo se contraísse com antecipação. Ela empurrou contra ele, seu olhar sobre ele completamente.

— Tire sua camisa novamente. Eu quero babar sobre você. Na verdade, eu quero lamber você.

Ela parecia muito com Gale no momento, e Paisley não tinha certeza de como se sentia por essa realização. Ela quase se desculpou com Weston pela explosão, mas decidiu que não valia a pena o esforço. Ela queria babar sobre ele, e seu corpo doía por mais do que ele oferecia. Muito mais.

Seus olhos se arregalaram e seu amigo riu, o som profundo e sexy.

— Weston, seu rosto, isso não tem preço. Quer me dizer por que você não está aceitando a oferta para deixar ela te lamber? Eu sei que você quer. Eu posso cheirar o desejo em você, irmão.

— Vocês são irmãos? — Perguntou, olhando entre os homens. Ambos eram enormes e volumosos e pareciam estar usando barbas semelhantes, mas não viu muitas semelhanças além dessa.

Weston pegou o queixo em sua mão mais uma vez, fazendo-a olhar para ele. Ela não se importava. Ele era lindo. Ela poderia ter sido forçada a olhar algo muito pior quando seu corpo estava ansioso pelo sexo. E olhar para ele não era difícil por qualquer meio.

— Bane. — Ele disse sobre a cabeça para o homem. — O que você propõe para saímos daqui? Eu posso cheirar mais deles.



— O cheiro podre? — Perguntou Paisley, perguntando-se se foram os homens que os atacaram que cheiravam à morte.

— Sim. Os híbridos. — Disse o outro homem. — Eu juro que deve haver muitos deles perto. Cada vez mais estão saindo das paredes por aqui ultimamente. Como baratas.

— E todos eles cheiram como zumbis. — Disse Weston.

Os olhos de Paisley se arregalaram.

— Os zumbis são reais?

— Vamos sair pela frente e fazer um estrago? — Perguntou Weston, sorrindo.

— Por mim tudo bem. — Disse Bane. Sua mão se movendo para seu ombro. — Ela é quente. Nunca pensei em sugerir compartilhar uma mulher, mas, tenho certeza de que eles também têm um preço por isso.

Ela congelou.

Weston rugiu, e logo depois passou por ela e bateu no homem chamado Bane. Weston empurrou Bane sobre uma mesa e eles caíram em uma cadeira, esmagando-a quase que instantaneamente. Rosnando, Weston levantou o braço para trás, as garras emergiram rapidamente.

— Ela é minha! — Os olhos escuros de Bane se arregalaram enquanto ele se levantava calmamente com as duas mãos para o alto, quase numa pose de rendição.

— Você está bem, irmão?

— Ela é minha! — Weston gritou mais alto desta vez. Bane ofegou e depois se afastou de Weston. Paisley voltou para as sombras, observando como os homens mais uma vez lutavam contra o que ela tinha assumido ser uma



força invisível. Ela estava começando a suspeitar que o homem que alegou ser seu companheiro era realmente um super-herói.

Um idiota às vezes, mas um herói do mesmo jeito.

Ela tentou o seu melhor para ficar longe do caminho, deixando Weston e Bane fazer o que quer que fosse. Algo puxou forte na parte de trás do cabelo de Paisley e ela gritou quando se viu arrastada para trás por um dos caras do clube.

Ela puxou o braço sem sucesso e depois pôs os pés no chão, forçando-o a diminuir o ritmo enquanto se movia como um maníaco. Isso não funcionou do seu jeito. Ela fez o seu melhor para evitar gritar como uma daquelas mulheres dos filmes que pareciam sempre precisar ser salvas pelos grandes homens. Ela cresceu nas ruas e não era uma pequena flor delicada. Não tinha o nível de luta de Weston, mas não era fraca e não seria mais uma vítima.

A coisa que a arrastou grunhiu e algo pingou em seu braço, enjoando o seu estômago. Ele se curvou, colocando seu rosto perigosamente perto do dela, seus olhos brilhando de vermelho. Ele piscou uma dupla linha de dentes para ela, fazendo-a pensar instantaneamente em um tubarão. Seja como for, ele cheirava horrivelmente e era feio. Ele também não estava levando-a. Não com facilidade.

Ela arranhou os olhos dele, mas parou quando ele agarrou seus pulsos, a jogando no chão ao mesmo tempo em que subiu em cima dela, batendo todo o peso sobre ela, tirando sua respiração. Atordoada, ela deitou-se imóvel, incapaz de respirar profundamente.

O monstro agarrou a bainha da sua saia, e quando ela entendeu o fato de que a coisa estava empurrando a saia para cima, tentando ficar entre suas pernas, ela desligou seu corpo e mente, de repente ficando muito relaxada. Um estranho zumbido parecia se espalhar profundamente nela a um ritmo que a deveria ter assustado. Não deu. No



fundo ela sabia que tinha que ser. Que tudo o que estava acontecendo com ela era uma coisa boa. Que estava lá para ajudar. Não para machucá-la.

A coisa sobre ela avançou, sua mão esmagando sua coxa interna. Vagamente ela ouviu Weston gritando, sua voz soando muito mais profunda do que já era. Paisley exalou, seu foco no monstro acima dela. Ela deixou a pressão e a sensação do zumbido aumentar e não fez nada para detê-lo enquanto ele saiu dela, estourando como se tivesse um sol explodindo. Um segundo o monstro estava sobre ela e então, ele não era mais nada.

Foi. Poof. Nada ali.

Ela se sentou lentamente, a energia parecia pulsar através dela, o zumbido alto, a pressão lá, mas não dolorosa. Era quase libertador. Levou um momento para ouvir sobre o zumbido em seus ouvidos, mas quando fez, ela ouviu Weston gritando por ela.

— Solte-me. — Ele gritou. — Ela precisa de mim!

— Irmão, acalme-se. — Disse Bane, soando tenso. — Você não pode tocá-la agora. Você não sente isso?

— Deixe-me ir!

— Eu não posso. Ela tem o poder dos Faes, está sobre ela. — Disse Bane. — Se ela tocar em você, você vai explodir como o outro cara também.

Vai explodir?

Paisley olhou ao redor de si mesma, observando que seu corpo e a área diretamente ao redor dela estavam limpas, livres de qualquer coisa, mas além disso, era algo que sua mente não conseguia entender. Além dela, parecia que que uma granada tinha explodido e apenas salpicos de sangue permaneceram.

Poeira vermelha.



O pensamento a atingiu com força enquanto percebeu o que estava acontecendo. O monstro que tinha estado em cima dela, ele não era mais do que um pó vermelho ao seu redor.

A boca dela se abriu e ouviu alguém gritar. Demorou alguns segundos para Paisley perceber que ela era quem tinha gritado. Ao levantar as mãos, ela olhou para elas, a energia que sentia parecia diminuir, retornando para dentro dela, o zumbido parou, levando a estranha calma com ele. Ela gritou mais e começou a se levantar. Virando, ela viu Weston sendo preso no final do corredor por Bane, que não parecia conseguir segurá-lo por muito mais tempo.

Paisley continuou gritando, mantendo as mãos no ar, horrorizada com o que aconteceu. No que tinha feito. Ela nunca tinha feito nada desse tipo antes.

Weston se libertou de Bane e correu. Ele a agarrou e a levantou de seus pés, correndo com ela através da carnificina ao redor deles. Bane seguiu logo atrás. Quando eles saíram do clube, correram em direção a um SUV preto. Weston colocou-a em pé e Bane agarrou suas mãos, abaixando-as.

— Sem ofensa, senhora, mas eu prefiro que você não aponte para mim.
— Disse Bane com uma respiração ofegante.

Ela piscou para ele, os gritos finalmente terminaram.

— O-o que aconteceu?

— Você não sabe? — Ele perguntou enquanto Weston a levava para o SUV como se ela fosse uma criança. Ele subiu no banco de trás com ela enquanto Bane correu para o lado do motorista.

Weston puxou-a contra ele com tanta força que ela não conseguia respirar. Ela teve que empurrar ele para que afrouxasse seu aperto. Quando ele fez, inclinou a cabeça, seus lábios cobriram



instantaneamente os dela. O beijo era quente e marcante, ajudando-a a encontrar seu centro mais uma vez.

Quando ele puxou a cabeça para trás para olhar para ela, ela começou a se agitar novamente, sua mão indo em seu peito. Ela balançou a cabeça.

— Eu acho que acabei de fazer um homem explodir.

— Sim. — Ele disse, como se esse tipo de coisa lhe acontecesse diariamente. Talvez tenha acontecido.

Ela olhou para as mãos dela, choque ainda percorrendo suas veias.

— Você não está me ouvindo. Eu fiz um homem explodir. Estrondo. Splat. Poof. Blá. Grr.

Quando ele não respondeu, ela levantou seu olhar para encontrá-lo sorrindo para ela, seu olhar azul leve e alegre. Ela balançou a cabeça.

— Você não está entendendo o que eu estou lhe dizendo?

— Querida, eu estou ouvindo todas as malditas palavras que você está dizendo. — Ele disse lambendo seu lábio inferior. — Eu, por um lado, estou fodidamente emocionado, que você fez isso.

Seus olhos se arregalaram.

— O que?

— Baby, ele ia fazer coisas ruins com você. — Disse Weston, seu olhar endurecendo. — Eu não consegui chegar rápido o suficiente. Estou tão feliz que você o transformou em pó de híbrido, que tudo o que eu quero fazer é entrar em você e plantar minha semente bem profunda no seu ventre.

Bane limpou a garganta do banco da frente enquanto dirigia.



— Se puder se controlar, seria ótimo. — Weston riu.

— Você a viu, Bane? Ela foi incrível.

— Ela foi. — Disse Bane, seu olhar escuro sobre ela no espelho retrovisor. — Isso não é algo que você sabia que podia fazer?

— Não. — Ela sussurrou. — E eu nunca mais quero fazer isso de novo.

Weston resmungou.

— Se você for ameaçada de novo, você irá fazer. Você me entende? Você é minha companheira, e se eu disser para explodir alguém para se proteger, é melhor que você me obedeça.

— Obedecer? — Ela perguntou, a palavra soando azeda. Weston franziu os lábios.

— Se não me obedecer. Você verá que fez uma má escolha.

— Humm. — Disse Bane do banco da frente. — Eu estava meio preso em todo o uso da palavra companheiro.

Weston esfregou a parte de trás do pescoço.

— Sim, sobre isso...

— Alguém além de mim está super cansado? — Perguntou Paisley, sentindo como se o peso das últimas semanas estivesse caindo sobre ela. Ela afundou contra os abraços de Weston e fechou os olhos, cansada até os ossos.



Capítulo Oito

Weston manteve Paisley parcialmente em seu colo na parte de trás do SUV enquanto ela dormia. Bane continuou roubando olhares para eles pelo espelho retrovisor. Weston pegou o olhar de seu amigo e segurou um segundo.

— Pare de se preocupar com ela. Ela não é uma ameaça para nós. — Disse Weston. — E eu sei o que você está pensando. Ela também não é uma ameaça para mim.

Bane exalou alto.

— Na verdade, eu estava preocupado com você, não com ela. No caso de você ter se perdido, já que você afirmou verbalmente que ela era sua companheira.

Weston não hesitou.

— Sim.

— Eu pensei que estávamos indo para o clube para nos aliviar, não para procurar sua suposta companheira. — Acrescentou Bane, fazendo uma curva dura à direita e dirigindo a uma velocidade que teria preocupado outras pessoas. A condução defensiva era uma habilidade que todos os Ops possuíam. Um aprendizado. Os cientistas haviam aumentado seus reflexos, de modo que eles olhavam para todos os lados do carro. Os homens tinham muitas habilidades e um número igual de falhas.

— Este era o plano. — Respondeu Weston suavemente, passando o polegar sobre a bochecha de Paisley, notando pela primeira vez o tom diferente em sua pele. Ela era a mistura de algo. O



que quer que fosse, ela era a mulher mais bonita que ele já havia posto os olhos. — O plano saiu pela janela quando eu a encontrei lá.

— Você tem certeza que ela é a sua companheira? — Perguntou Bane enquanto levantava uma mão do volante para indicar que não queria dizer nada de mal com sua pergunta, mas que precisava pelo menos perguntar.

— Sem dúvida. — Disse Weston. — No segundo que eu a vi comecei a lutar contra o desejo de mordê-la e reivindicá-la completamente.

— Ouvi dizer que é assim quando encontramos nossa companheira. — Disse Bane, sua voz com pesar, e do que Weston podia ver de seu reflexo no espelho retrovisor, o homem tinha uma expressão triste em seu rosto.

— Você também encontrará sua companheira. — Disse Weston, querendo aliviar a dor de seu amigo. No entanto, a realidade era que ninguém tinha certeza que teria uma companheira. Ninguém estava garantido que encontraria aquela pessoa que o faria se sentir inteiro. Nada na vida era certo.

Especialmente isso.

Bane não respondeu. Ele continuou dirigindo, seu foco na estrada e fora do assunto dos companheiros. Pelo menos verbalmente. Não havia dúvida na mente de Weston de que Bane ainda estava pensando em tudo isso. Weston não pensava em si mesmo como o tipo de homem que queria algo a longo prazo com uma mulher, especialmente porque gostava de se manter em movimento. Mas agora, segurando Paisley em seus braços, isso mudou.

Ele tinha algumas casas espalhadas por todo o mundo que eram mais do que ele chamaria de casas seguras. Elas continham um pouco de sua personalidade e ele tendia a gastar mais tempo do que deveria dentro delas.

O governo não havia batido nos últimos anos e ele começou a se perguntar se talvez eles tivessem parado o rastreamento dos Outcasts.



Okay, certo.

— Quanto tempo vai demorar até chegarmos? — Questionou Weston, perguntando-se por quanto tempo ele teria que simplesmente segurar sua mulher e somente olhá-la antes de chegarem à casa segura.

Bane limpou a garganta.

— Talvez vinte minutos. — Weston podia sentir que seu amigo tinha uma pergunta. Ele já imaginou que era uma que não gostaria de ouvir, com a quantidade de tempo que Bane estava precisando para começar.

— Por que sua companheira estava nesse tipo de clube? — Perguntou Bane suavemente como se o volume da pergunta pudesse diminuir seu golpe.

Weston suspirou.

— Eu perguntei a mesma coisa para ela.

— E a resposta foi?

Weston tocou sua bochecha levemente enquanto falava.

— Pelo que eu pude entender, ela estava procurando uma mulher chamada Gale e ela conheceu Jinx. — Bane olhou de volta para ele.

— A mulher que está acasalada com Asher Brooks? Coronel dos Immortal Ops?

— Você já ouviu falar sobre isso também, hein? — Perguntou Weston, não tão surpreso. Tudo o que acontecia no mundo Ops se espalhava como um incêndio através de diferentes contatos, chegando eventualmente às pessoas que precisavam saber. Às vezes, a informação vinha por meios que não eram padrões, como os sonhos de Weston. Ele não era o único Outcast com o presente ou a maldição da previsão. Alguns eram melhores do que ele. Outros não tinham a mínima ideia do que estavam fazendo.



Bane assentiu.

— Bom para ele. Mas como sua mulher conhece Jinx? Ela trabalha para ela no bordel? — Os maxilares de Weston cerraram.

— Acho que não. Ela mencionou algo sobre estar lá porque precisava se alimentar.

— Ela não é uma vampira. — Afirmou Bane. Ele tocou o volante levemente. — Aquela garota vampira no clube mencionou que o chefe tinha uma coisa por súcubos. Sua garota é uma?

— Eu acho que sim. — Weston não tinha certeza do que Paisley era. Tudo o que sabia era que em breve, ela seria reivindicada por ele e nada mais importaria.

— Ela também tem Fae nela. — Disse Bane.

— Sim, é difícil não perceber depois de todo este show. — Weston voltou, lembrando-se de como foi ver Paisley explodir um homem diante de seus próprios olhos. — Ainda assim, ela não parecia estar consciente de tudo, não é?

— Não. Mas, Weston, os vampiros viram ela fazendo isso. Esse chefe já estava com interesse nela. Quando ele descobrir que ela é possivelmente mais do que uma mera súcubo, ele vai tentar realmente levá-la. E, parece-me que ele já tem uma coleção de objetos brilhantes como este. — Weston teve que lutar contra o grunhindo que queria soltar. Ele não queria acordar Paisley.

— Ninguém vai levá-la.

— Eu entendo, irmão. Eu realmente entendo. Você sabe que eu tenho suas costas, mas isso pode cair sobre nossas cabeças. — Bane guiou para o lado da estrada e se virou no assento para encará-lo. — Pode ser sábio para nós chamarmos mais alguns reforços. E precisamos descobrir mais sobre o que ela disse, sobre ter prisioneiros.



— Já foi muito pedir para você nos esconder. — Disse Weston. — Não posso pôr mais ninguém em perigo. Eu já me sinto culpado o suficiente por arrastá-lo para essa bagunça. Colocarei Paisley em algum lugar seguro e então voltarei para ver o que posso fazer.

— Nós somos seus irmãos, cara de urso, é o que fazemos. — Disse Bane com um sorriso malicioso.

Weston sacudiu a cabeça.

— Não. Não vou trazê-los para isso. Talvez eu tenha outra opção.

— Quer compartilhar? — Perguntou Bane. — Sou todo ouvidos.

— Trabalhar com alguns PSI-Operatives?

Bane tocou o assento ao lado dele.

— Podemos confiar neles?

— Provavelmente.

— Isso é tranquilizador.

Weston encolheu os ombros.

— É tudo o que tenho. E Casey confia neles.

— Então eu vou confiar neles também. Quando chegarmos à casa, vou fazer algumas chamadas e ver o que posso fazer para ajudar. — Disse Bane. — Enquanto isso, fique de olho nela e eu providenciarei transporte para fora de Seattle.

— Obrigado, irmão. — O corpo de Weston se apertou em necessidade. Sua besta ainda não estava saciada. Não teve relações sexuais e não se transformou para correr livre na natureza. Quando a coceira para mudar o atingiu forte, ele ofegou, sentando-se ereto no assento, levantando as mãos,



com medo de mudar sem que ele quisesse e arranhar Paisley enquanto dormia.

Bane gemeu.

— Você não transou com ela, não é?

— Não.

Bane lançou um olhar duro sobre ele.

— E porque não? Ela estava no clube. — Weston queria estar com raiva, mas estava muito nervoso sobre se transformar de repente. Além disso, Bane fez um ponto.

— Eu queria fazer a coisa certa.

— Bem, a maneira certa vai ser você ficar na sala de transformação da casa segura durante a noite. — Murmurou Bane, guinado de volta para a estrada e vomitando um monte de obscenidades enquanto o fazia.

Weston sabia que ele estava certo. Ele precisaria ser acorrentado durante a noite para ter certeza de que não machucaria Paisley. Amanhã ele poderia sair para uma corrida e depois se retiraria. Ele não estava no estado de espírito para tentar qualquer alívio sexual agora. Ele só acabaria machucando alguém, e não era esperto mandá-lo, totalmente mudado, à noite. Quem diabos sabia o que ele encontraria?

— Quando chegarmos lá, me prenda e cuide dela, ok?

Bane assentiu.

— Você ainda é um idiota. — Weston encolheu os ombros.

— Sim.

— É tudo o que você é.



—Bane! — Disse Weston, levantando a mão quando as garras começaram a emergir na ponta dos dedos. Ele tentou acalmar-se para fazê-los voltar, mas não funcionou. Ele colocou muito tempo entre as mudanças e sexo. Muito tempo. — Pegue as correntes assim que entrarmos.

Bane olhou de volta para ele.

— Merda. OK.



Capítulo Nove

— Ela está morta?

Paisley acordou ao som de uma voz masculina muito alta perto de sua cabeça. Ela piscou, e fez mais duas vezes, com certeza estava sonhando. O que mais poderia explicar o homem mais velho, com uma aparência louca, curvando-se sobre ela. Olhando para ela por trás de óculos de voo enquanto usava um tubo de respiração de mergulho atualmente empurrado para o nariz? Os cabelos grisalhos passavam por toda a cabeça dele e ela teve que se perguntar se o homem já havia o escovado, ou ao menos os lavou.

Ela se afastou dele ligeiramente, tentando se orientar. A última visão que teve era que ela estava em um SUV com Weston e Bane, dirigindo-se a algum lugar seguro. Esse era o lugar seguro?

Ela olhou de novo para o homem pequeno quando ele sorriu amplamente para ela.

— Oh, você está viva. — Ele disse de costas, dando-lhe uma visão completa dele. Ele tinha a parte superior de uma roupa de mergulho que alcançava seus joelhos, e por cima uma camiseta com um estranho slogan que dizia *"Se tem uma estaca use"*, e a melhor parte era que ele tinha nos braços boias laranja, daquelas que crianças pequenas usavam na piscina. Elas estavam esticadas sobre seus braços bem peludos e carnudos. Não havia como fazer ele boiar.

— Gus, você estava certo. — Disse o homem pequeno. — Você disse que ela estava viva. Eu pensei que ela estava morta e começaria a cheirar por todo o lugar. Os cadáveres são podres. Quero dizer, o cheiro deles não sai lavando. Isso gruda. Como o cheiro de peixe depois de alguns dias.



— Desculpe-me, mas quem é você e onde eu estou? — Perguntou, notando outro homem na sala pela primeira vez. Este era marcadamente mais alto que o outro, mas muito, muito magro. Ele não encontrou seu olhar.

Ele estava com um pequeno maiô que rapidamente percebeu que não era para homens, mas sim para mulheres. Ele mal o cobrira. Se ele se virasse, ela tinha certeza de que ela iria espreitar suas nádegas expostas. Algo que fez o lábio dela se curvar. Ele não tinha uma camisa como o outro. Mas ele tinha nadadeiras em seus pés e uma engrenagem de mergulho completa em sua cabeça.

— Quem é você? — Perguntou o homem pequeno e peludo.

— Eu lhe perguntei primeiro. — Ela pressionou, olhando para eles, perguntando se talvez fossem pacientes mentais que fugiram.

— Você perguntou primeiro. — Disse o homem peludo. — Eu sou Bill e esse é Gus. Nós somos seus protetores. Eu sou uma espécie de famoso nesse grupo. Veja, sou conhecido como Wild Bill, o grande domador de elefantes mecânicos. Gus aqui não fala muito em voz alta. — Ele bateu na própria cabeça. — Eu o ouço aqui. Ele é um gênio. Ele sabe coisas que outras pessoas não fazem. Ele sabia que você precisaria da nossa ajuda. Que todos nós tínhamos que ir a Seattle resgatar você. Ele estava certo. Enfim, estamos aqui para ajudar a salvar você.

— Eu me sinto melhor agora. — Disse ela, tentando não rir dos dois. — Weston está aqui?

Bill assentiu.

— Ele está ocupado agora, mas ele estará de volta pela manhã. Não devemos incomodá-lo. Bane disse que com certeza ele nos comerá se fizermos.

— Comer vocês? — Perguntou, sentando-se lentamente. Havia uma muda de roupa nova para ela no final da cama. Um par de calças de moletom



e uma camiseta com uma tanga. Escolha interessante para usar com calças de moletom.

— Bane nos pediu para olhar você enquanto ele corria para buscar comida. — Disse Bill, sorrindo de orelha a orelha. — Nós comemos tudo o que ele tinha aqui.

Gus assentiu atrás dele, olhando para a parede.

— Gus está dizendo que a comida era gostosa. — Acrescentou Bill.

Gus não havia dito uma palavra.

Paisley não comentou, mas observou os homens, sentindo seu humor iluminar-se bastante. Seja quem fossem, eram divertidos e pareciam inofensivos.

— Eu dei a você os nossos nomes, qual é o seu? Bane te chama de mulher. Aposto que não é realmente o seu nome, certo? No entanto, uma vez conheci uma mulher chamada ‘menino’. Aquilo foi estranho. Conheci-a enquanto eu estava no Vietnã. Ela era legal. Bonita. Fizemos sexo algumas vezes. Ela queria casamento. Eu tive que explicar que eu sou um playboy e tenho que me manter disponível para as senhoras. Ela entendeu.

Paisley teve que lutar para esconder sua risada.

— Sim, você é muito lindo. Eu posso ver como as mulheres iriam querer agarrá-lo para si próprias. — Ele ajustou a camisa, orgulho em todo o seu rosto.

— Eu sou né? Mas eu não estou armado como esses caras daqui, no entanto. Eu vi o pau do seu homem. Era enorme. Eu acho que eles conseguiram algo bem melhor negociando com o governo. Eu posso tentar pedir para o cientista que faça o meu maior também. Você viu o dele? ENORME, eu digo a você. Extremamente grande.

Gus virou para Bill.



— Gus diz que o meu está em um bom tamanho. Ele está sendo legal.
— Disse Bill, olhando para Gus. — Você quer ver?

Levou um momento para ela entender. Quando percebeu que estava oferecendo para lhe mostrar seu pau, ela gritou, levantando a mão.

— Não. Eu acredito. Aceitaremos a palavra de Gus sobre isso.

Gus ainda não tinha dito nada. Ela não tinha certeza de que ele pudesse falar. O sorriso de Bill desapareceu.

— Ninguém me deixa ser o Free Willy.

— Provavelmente é melhor. — Disse Paisley. — Eu não gostaria de ficar apaixonada demais por você e esquecer o resto do mundo, e parece-me que você não precisa de mais uma mulher tentando convencê-lo a se casar com ela.

Bill esfregou a mandíbula e depois acenou com a cabeça para ela.

— Você é inteligente e bonita. Melhor eu não te mostrar o meu pau. Zé colmeia ficaria chateado se eu a roubasse dele. Então, quer nadar? Nós vamos nadar.

— Zé colmeia? — Perguntou ela.

— Weston. — Ela não conseguiu evitar soltar uma pequena risada.

— Eu gostaria de tomar banho e mudar minhas roupas.

Bill lhe indicou uma direção. — Não, basta pular na piscina sem suas roupas. Isso a deixará bem limpa. Nós te trouxemos uma boia. Nós não sabíamos se você sabia nadar. E eu não tinha certeza se você estava morta ou não. Tenho certeza de que as pessoas mortas flutuam, mas trouxe a boia para o caso de você afundar.



Colocando sua mão sobre a boca, ela tentou evitar rir, mas falhou, e mascarou o riso como uma tosse.

— Obrigada. — Gus inclinou a cabeça, quase olhando para ela. Bill grunhiu.

— Ele tem razão. Ainda não sabemos o seu nome.

— Paisley. — Ela disse com um sorriso gentil. A necessidade de ser gentil com eles estava aumentando.

Bill ergueu uma sobrancelha.

— Tem uma irmã chamada Plaid⁵? — Ela bufou.

— Não.

— É uma pena. — Disse Bill, olhando para trás. — Nós temos um amigo que é escocês e ele provavelmente gostaria de uma mulher chamada Plaid. Ele está sempre vestindo essa coisa de saia xadrez. — Gus inclinou a cabeça para um lado e Bill resmungou e falou. — Eu sei que é chamado de kilt, você não precisa gritar.

— Se eu descobrir que eu tenho uma irmã chamada Plaid, vou ter certeza de mantê-lo em mente e falar para ela. — Disse Paisley, seu coração se aquecendo pelos homens. Havia uma inocência sobre eles que a fazia querer protegê-los.

— Obrigado. — Disse Bill, tocando o braço de Gus levemente. — Nós podemos dizer a Striker que talvez encontramos uma mulher para ele. — Bill balançou a cabeça. — Não, eu não sei as chances disso.

Ele parou, parecendo ouvir Gus quando nenhuma palavra foi falada. Isso ou ele estava apenas inventando as coisas quando falou.

⁵ Xadrez



— Oh, essas não são ótimas chances. — Disse Bill. Ele olhou para ela.
— Pronta para nadar?

— Posso tomar banho em vez disso? E então talvez eu saia e veja vocês nadarem. — Ela perguntou com sua voz suave.

Bill pareceu chateado, mas assentiu da mesma forma.

— Ok, o banheiro é bem ali. Ah, não vá ao porão. Bane ficará louco e Weston pode comer você. Ele é um urso tão mal-humorado que Bane teve que prendê-lo com correntes lá embaixo.

Ofegante, Paisley paralisou.

— Weston está acorrentado no porão? — Gus fez barulhos inaudíveis através do tubo de mergulho e girou cada vez mais rápido, balançando os braços. Ela não tinha certeza se ele precisava de atenção médica ou se ele estava apenas chateado.

Bill agarrou sua mão e depois a acariciou, acalmando o outro homem instantaneamente.

— Ela sabe que não o prenderam por maldade. Ela é inteligente. Você não a ouviu falar em como ficaria tão atraída por mim que se eu liberasse Willy ela ficaria pegajosa? Essa é uma mulher inteligente, mesmo com o nome de um padrão encontrado principalmente em treinadores e gravatas masculinas.

Paisley caiu no riso e ambos olharam para ela. Ela riu com tanta força que soluçou. Bill sorriu.

— Viu? Está tudo bem. Ela não está brava com a gente. Ela sabe que Weston está bem, e acho que ela sabe que é perigoso estar por perto nesse momento. É por isso que ele fez Bane acorrentá-lo. Ele não queria machucá-la.

Gus dirigiu-se para a porta e Bill correu atrás dele.



— Nós comemos todos os biscoitos de peixinho dourado. Bane disse que não há mais. — Ele grunhiu. — Os gorilas são mentirosos. Vamos atacar o esconderijo onde ele os escondeu.

Eles pararam em seu progresso perto da porta. Bill virou-se para ela.

— Eles pensam que eu não sei onde eles escondem minhas drogas. Mas eu tenho uma boa ideia. Precisa de algo?

Ela piscou.

— Uh, estou bem. Obrigada.

— Nada supera drogas e comida, Paisley. Nada mesmo.

Com isso, eles saíram da sala, deixando-a de pé ali. Com a certeza de que eles foram embora, ela partiu na ponta dos pés da sala em busca do porão. Só não esperava ver o que acabou encontrando quando chegou lá.



Capítulo Dez

A testosterona carregava o ar quanto mais fundo ela descia no porão da casa enorme. Nos filmes, as casas seguras sempre pareciam horríveis e quase impossíveis de usar. Esta casa era enorme e decorada com mobiliário de alta qualidade. Uma mansão, especialmente quando comparada com o local que ela cresceu.

Ela finalmente conseguiu encontrar a porta do porão enquanto se perguntava onde Bane estava. Do jeito que Bill tinha falado sobre Bane, ele não teria permitido a Paisley procurar Weston, e isso simplesmente não era uma opção.

A atração que sentira pelo homem ainda estava lá, mais forte do que nunca, e ela tinha que verificar ele. Ela tinha que ter certeza de que ele estava bem. Ele a protegeu e até matou por ela. O mínimo que podia fazer era garantir que ele estava bem e tão confortável quanto poderia.

À medida que seus pés tocavam o chão de concreto frio, ela ouviu o chocalho das correntes. O som se intensificava quanto mais ela entrava no porão. As portas alinhavam o longo corredor. Ela olhou em uma sala escura e ofegou quando percebeu que era acolchoada. Quando ela saiu e olhou para cima e para baixo no longo corredor, ela teve a impressão distinta de que o porão era mais como uma prisão particular auto imposta.

Weston fez Bane prendê-lo aqui?

Mas por que?

Já tinha visto o homem, pelo menos parcialmente mudar de forma, e ela não fugiu gritando dele. Por que se esconder dela agora?



— Weston? — Ela chamou suavemente, sem saber se ele seria a única pessoa que acharia acorrentada no lugar.

Um grunhido baixo saudou seu sussurro e ela seguiu o som até o final do corredor. A porta do lado esquerdo estava fechada e ela ficou na ponta dos pés para tentar ver através do pequeno acesso à janela localizada no alto. Seu estômago se apertou ao olhar para Weston no quarto mal iluminado, seus pulsos e tornozelos presos um ao outro enquanto ele estava lá nu no chão frio.

Ofegando, ela empurrou o pino na maçaneta da porta e soltou, abrindo-a. A cabeça de Weston se ergueu e ele olhou para ela com olhos extremamente escuros, não os seus azuis.

Sua respiração acelerou e uma expressão feroz apareceu em seu rosto.

Onde estava o homem que a salvou?

— S-sai! — Ele gritou através de dentes cerrados.

Balançando a cabeça, Paisley ficou no mesmo lugar, com a mão no batente da porta.

— Por que você está aqui? — Ele desviou o olhar dela e se encolheu contra o canto de trás da parede. Era evidente que ele não queria que ela o visse desse jeito, o que feria seu coração. O homem salvou sua vida, arriscando a sua própria no processo. Ver ele lutar pelo controle, machucou-a profundamente. Incapaz de parar a si mesma, ela cobriu a distância entre eles, apenas tocando-o. — Weston, por favor, olhe para mim. — Ela implorou.

Ele endureceu o corpo e depois grunhiu alto.

— Sai daqui!

— Não.

Isso fez com que ele se virasse para encará-la, inclinando a cabeça em um movimento mais animal



do que humano. Ele passou a língua pelos dentes e percebeu que eles estavam mais longos do que o normal. Outro sinal de que ele estava perdendo o controle. Ela estendeu a mão, esperando que ele afastasse sua mão com seu comportamento atual. Ele não fez. Ele permitiu que ela tocasse seu maxilar.

— Eu quero ajudar você. — Ela disse, ficando de joelhos, ignorando o quão nu o homem estava. Este não era o momento para pensar em nada além de seu bem-estar. O outro lado de si mesma que tinha fome de sexo estava lá, empurrando, tentando ser livre, mas ela se manteve firme, segurando a respiração por um segundo, como se isso pudesse ajudá-la.

Não ajudou.

Ela teve que deixar de tocar Weston, com medo de empurrá-lo para longe demais. Ele pegou seu pulso gentilmente em sua grande mão, e suas correntes tremeram ainda mais. Ele inalou profundamente, aproximando-a da sua forma acorrentada. Sua fome aumentou quando ela pegou o cheiro viril dele.

— Morangos e creme. — Ele disse, sua voz ainda mais profunda do que o normal.

Confusa, ela simplesmente olhou para ele, deixando-o segurá-la quando seu olhar lentamente percorreu sobre seu corpo. O homem era maravilhoso de se ver. Era difícil pensar em algo além de lambar a pele dele quando estava tão perto dela. Paisley cedeu e fez exatamente isso. Ela lambeu a parte superior do tórax e ele a puxou contra seu corpo, expondo sua ereção.

Era longa, grossa e dura, balançando entre eles, tão perto do seu centro. Ela usou sua mão livre para segurar seu eixo o melhor que pôde, seus dedos mal se ajustando ao redor de sua circunferência.

Weston rugiu, o som alto e parcialmente ensurdecedor, mas ela não gritou nem sentiu medo. Ela sentiu emoção correr por ela. Ela entendeu o



rugido, sabia que isso significava necessidade primordial, e estava disposta a dar o que ele precisava.

Incluindo sua virgindade.

Sua mente girou com todas as vezes que ela saiu do seu caminho para evitar entregar-se a qualquer homem. Mas Weston não era qualquer homem. Ele era o homem por quem estava apaixonada.

Meu companheiro.

Ela acariciou-o mais e ele balançou a cabeça.

— Paisley, não. Saia daqui. Eu poderia te machucar. Porra. Eu vou te machucar.

Ela empurrou o ombro dele com força o suficiente e ele quase caiu. Sem perder tempo, ela se sentou em seu colo, seus lábios se dirigiam diretamente para os dele. Suas mãos encontraram seus quadris e ele levantou sua saia, sua língua duelando com a dela enquanto gemiam. Ela desceu seus quadris sobre ele, seu pênis preso contra seu baixo ventre, tão perto da sua entrada.

Weston rosnou em sua boca e então ouviu ele rasgar sua calcinha. Ela sentiu o ar frio na sua bunda, e entendeu que ele acabara de arrancar a barreira entre eles. Sua fome bateu dentro dela, exigindo mais, exigindo estar completamente saciada, finalmente.

Ela puxou a camiseta por cima da cabeça e atirou-a para o outro lado da cela. Os dedos de garras de Weston encontraram seu sutiã e ele o soltou, nunca tocando sua pele. O homem pode ter temido estar totalmente fora de controle, mas suas ações diziam que ele estava mais do que no controle.

Ela quebrou o beijo e encontrou seu olhar, com a mão em seu pênis enquanto se afastava, alinhando-o com sua entrada molhada.

— Eu quero você.



Ele balançou a cabeça. — Você não está pronta, amor.

Ela desceu sobre ele, a dor a atravessou com a última resistência que ela tinha quebrado. Weston bateu os braços na parede, o som foi alto quando as correntes bateram, e a sala parecia tremer. Ele soltou um grito que era puramente animal quando ela afundou mais em seu eixo, sentindo como se pudesse se partir ao meio. Ela não se importava. A plenitude extrema era o que seu corpo desejava. Ela o queria profundamente, queria estar completamente sobre ele.

Depois de vários minutos longos e agonizantes, desceu até o final. Paisley olhou para onde se conectavam, surpreendida de que ele conseguiu entrar totalmente nela. Ela então tocou seu rosto, forçando-o a olhar para ela.

— Toque-me. — Disse ela, movendo-se lentamente sobre ele, montando-o nesse ritmo até que seu corpo ficasse mais acostumado a ter algo do tamanho dele dentro dela. Weston moveu o queixo e as veias em seu pescoço surgiram, indicando que ele estava se esforçando. Ela aumentou seus movimentos, montando-o mais rápido e mais duro. Ele agarrou seus quadris, as correntes golpeando suas coxas, a dor de alguma forma conseguindo trazer prazer e emoção. Sua fome dobrou de tamanho e ela arqueou as costas, deixando-o controlar. Deixando ele ser o líder em sua dança erótica. Ele puxou-a para baixo contra ele com movimentos duros, e a cada vez ela se perguntava se ele iria rasgá-la. Se o fizesse, ela aceitaria e morreria feliz.

Ele acariciou o rosto contra seu pescoço e colocou beijos ao longo de seu ombro antes de empurrar a cabeça para trás.

— Não!

Ela continuou movendo-se sobre ele, nunca desejando que o prazer terminasse. Ela esperou tanto tempo para saciar sua fome completamente, que ela não estava prestes a parar agora. Não



importava se o homem se movesse como uma besta debaixo dela, ela não estava saindo.

— Vá. — Ele gritou, esforçando-se contra suas correntes, tentando se soltar.

Ela pegou os lados de seu rosto.

— Não. Eu quero isso. — Ele endureceu.

— Estou combatendo a necessidade de morder e reivindicar você. — Levou uma fração de segundo para entender o que ele estava falando. Ele ia fazer isso. Ele ia marcá-la como dele. Não precisava ser informada de que isso era importante em seu mundo. Ela entendeu, mesmo estando perdida na sensação. E ela queria ser reivindicada completamente por ele.

Ela esticou seu pescoço enquanto afundava profundamente em seu pênis.

— Faça. — Suspiros vieram do outro lado da cela, um sinal de que eles não estavam sozinhos, mas ela não chamou a atenção de Weston. Ela não podia. Sua fome batia como se estivesse prestes a se libertar e assumir o controle sobre a situação, e duvidava muito que seria seguro ou se preocuparia com alguém se machucando.

— Minha! — Weston rugiu e depois agarrou seus quadris, segurando-a sobre ele enquanto o prazer bateu sobre ela, sua boca se movendo para o ombro dela. Houve uma picada, depois dor, seguido de todo o seu corpo apertando antes de explodir na felicidade. Ela gritou, movendo-se mais sobre ele, com a boca dele ainda presa no ombro dela. Paisley agarrou na parte de cima do braço de Weston enquanto sua boceta convulsionava ao redor de seu pênis, ordenhando a semente que ele estava derramando dentro dela. Finalmente sua fome foi saciada completamente.

Ela fez uma pausa quando percebeu que queria tirar sangue dele. O desejo mais estranho de



inclinar-se para frente e o morder a atingiu com força, e ela fez exatamente isso. No instante em que a língua fez contato com as gotas vermelhas, a energia começou a zumbir em torno dela. A última vez que sentiu algo perto disso foi quando ela fez um homem explodir no clube. O medo a cegou e ela tentou escapar de Weston.

Ele não deixou ela ir, ele apertou um braço em volta de sua cintura antes de ficar de pé, segurando-a, demonstrando o quão poderoso ele era. Ele girou com ela, seu pau ainda enterrado dentro dela enquanto a golpeava contra a parede, entrando ainda mais fundo nela, controlando tudo.

Ele bateu nela novamente e outra vez, tirando outro orgasmo dela enquanto sua energia se construía, fazendo com que o ar vibrasse com força. Ela o empurrou, temendo por ele. Ela não queria transformá-lo em pó. Ela queria amá-lo e ser amada por ele.

— Weston, não. — Ela conseguiu dizer. — Não posso controlar.

Ele empurrou mais forte nela.

— Então não controle.

— Eu poderia te machucar. — Ela disse, ainda o empurrando, mas não querendo que ele parasse.

Ele penetrou profundamente e esfregou sua metade inferior contra ela, fazendo-a gritar em seus braços quando soltou, seu poder batendo nele. Ela gritou, com medo de machucá-lo. Enquanto ele a fodia quase como um animal contra a parede, ela entendeu que não o afetou do mesmo jeito que os outros. Quanto mais a energia era construída, mais forte ele empurrava nela, e mais seu corpo parecia absorver tudo o que ele estava oferecendo. Ela sabia que ficaria dolorida quando terminasse, mas não se importava.

Valia a pena.

A cada segundo sua energia continuava pulsando, e ela olhou vagorosamente sobre o ombro



de Weston enquanto ele continuava batendo dentro dela. Bane estava na entrada da cela, a boca aberta, e os olhos arregalados. Ela não ficou chocada ao vê-lo. Não com a energia sexual que pairava no ar. Provavelmente era como um farol para Shifters.

Paisley ofereceu um sorriso caloroso em sua direção, sentindo-se despreocupada e depois focada inteiramente em seu homem, mordendo a orelha de Weston, amando a sensação dele nela. Amando ser fodida por ele e, admitia isso a si mesma, começando a amá-lo.

Ela ouviu a porta da cela fechar e sabia que Bane tinha saído. Ela beijou a bochecha de Weston.

— Mais forte.

— Sim, querida. — Ele disse, batendo nela, suas correntes fazendo as paredes tremerem enquanto ele a fodia.



Capítulo Onze

Weston se agitou, seu urso o acordou, exigindo que ele estivesse alerta e em guarda. Sua atenção foi dirigida para Paisley. Ela estava dormindo contra ele, seus corpos nus um contra o outro enquanto eles cochilavam no chão. Roupas limpas foram deixadas na entrada, juntamente com as chaves das correntes. Bane, aparentemente, voltou em algum momento, embora Weston nunca o tivesse ouvido. Ele estava muito preocupado reivindicando sua companheira e depois fazendo amor com ela mais treze vezes.

Ele balançou ligeiramente a cabeça. Claro, ele era um Shifter alfa com grande resistência, mas mesmo na comunidade shifter, treze vezes em uma noite era uma grande conquista. Sorrindo como um idiota, ele olhou para sua esposa. Não havia dúvida em sua mente, que ela era, pelo menos, parte súcubo. Sua fome por sexo refletia a sua própria, e ele sabia que seu poder foi o que tinha se formado no ar entre eles, alimentando-o com energia para durar muito depois que seu corpo estava gasto. Inferno, ele gastou tanta energia fazendo amor com sua mulher que não sentia a necessidade de mudar. Seu urso estava quieto, quase hibernando, silencioso.

Ele riu suavemente. O maldito urso estava muito saciado para algo além de acordá-lo.

Sua risada desapareceu quando ele olhou em volta da cela, percebendo como e onde ele havia reivindicado sua mulher. Ele não estava orgulhoso disso, da sua falta de controle, mas ele tinha que admitir estar muito feliz por ela ser oficialmente sua agora.

Minha companheira.



Minha esposa.

Um sorriso se formou em seus lábios. Ele passou uma mão por seus cabelos com cuidado para não deixar que as correntes se mexessem em seus pulsos. Ela se moveu ligeiramente, olhando-o através de olhos sonolentos.

— Mmm, olá. — Ela disse, sua voz fazendo seu pênis endurecer.

Ela remexeu sua bunda contra seu pênis.

— Uau, ele já dormiu em algum momento?

— Não com você nua perto de mim. — Disse Weston com sinceridade. Ele nunca conseguiria o suficiente dela. Ele apontou as roupas e as chaves. — Que tal nós nos soltarmos? Então eu posso levar você para o andar de cima e faço amor com você como deve ser.

— Estou morrendo de fome. — Disse ela. — Está com fome?

Ela beijou seu pescoço e seu pênis se agitou.

— Eu estou. Contudo, tenho um pequeno problema. Eu não acho que posso andar por alguns minutos.

Ela se arqueou para frente um pouco e chegou entre eles, pegando seu pênis na mão e alinhando-o com a vagina dela por trás.

— Nada pequeno sobre isso. Nós poderíamos lidar com esse problema aqui e agora, e depois soltá-lo. — Ela pressionou para trás contra a cabeça de seu pau.

Weston segurou seus quadris e empurrou de uma só vez todo o seu pau, movendo seus quadris, fodendo-a enquanto eles estavam encolhidos juntos. Não era uma posição que tinha apelado para ele antes de Paisley. Agora ele adorava. Ele mergulhou mais profundamente nela, segurando seus quadris contra ele, querendo entrar completamente nela.



Ela gemeu e se torceu, seus lábios se fecharam. Porra, se a mulher não o fizesse sentir como se fosse tudo o que ele quisesse fazer na vida, a abraçar assim, enterrado profundamente nela, amando-a até o seu último suspiro.

Como deveria ser, pensou ele.

Ela quebrou o beijo e se acalmou em seus braços.

— *Como deveria ser?*

Weston ofegou quando percebeu que ela tinha escutado seus pensamentos. Ele empurrou para dentro dela mais profundo e parou lá, alcançando seu quadril, arrastando suas correntes sobre ela enquanto acariciava sua boceta. Ele esfregou o polegar sobre o seu clitóris e ela se contorceu no chão, empurrando a mão dele, ofegante.

— Se eu voltar a gozar, morrerei. — Disse ela.

Ele empurrou mais forte para dentro dela, esfregando seu clitóris. Em segundos ela explodiu sob o peso de seus dedos, as paredes de sua boceta apertando seu pênis, fazendo ele explodir também. Ele a encheu com sua semente quente, acariciando seu rosto contra o pescoço dela e segurando-a apertado contra ele. O calor se espalhou por todo o seu peito, e o sentimento mais estranho de euforia total veio sobre ele.

— Mulher, se isso não é amor, não me diga, ok? Eu não quero saber.

Ela ficou parada no chão, seu corpo estava saciado.

— Como se eu soubesse o que é o amor.

Ele não comentou mais, sabendo que era muito cedo para fazer isso, mas ele sabia, e sabia muito bem que ele a amava. Claro, tinha tudo a ver com ela ser sua companheira e a reivindicação, mas isso não fazia seu amor por ela menor.

— Mmm, pegue as chaves para mim, baby. Vamos alimentá-la.



— Podemos tomar banho antes? Estou pegajosa por toda parte. — Disse ela, sorrindo para ele.

Ele balançou as sobrancelhas.

— Certo. — Ela se acalmou.

— Weston, você e seus amigos talvez possam investigar o que aconteceu com minha melhor amiga, Gale?

— A mulher que você estava procurando no clube? — Ela assentiu.

— Ninguém viu ou ouviu falar dela em semanas.

— Ela não foi com o proprietário do clube anterior?

— Ela teria me contatado. — Disse Paisley. — Ela teria me falado de alguma forma. Temos um vínculo especial. Tipo de irmãs.

Ele acenou com a cabeça em compreensão. Ele compartilhou um vínculo fraternal com o Ops.

— Claro, querida. Chamarei alguns contatos e veremos o que podemos descobrir.

— Obrigada. — Disse ela, beijando-o gentilmente. — O que acontece agora? — Ele ergueu o pulso preso.

— Nós nos libertamos. — Ela riu.

— Quero dizer com a gente. Nós realmente acabamos de nos conhecer e agora estamos unidos. Esquisito, certo?

Weston a beijou na ponta do seu nariz. Não era muito cedo. Ele queria que ela estivesse inchada com seu bebê. Ele queria que ela estivesse segura enquanto ele cuidava dela e eles começariam sua vida. Não haveria mais corrida para ele. Agora não. Tinha feito sua reivindicação sobre ela e não a faria



viver uma vida como a que ele esteve vivendo. Ele tinha propriedades suficientes, e era hora dele se instalar em uma. Seu lado urso sempre gostou das montanhas.

— O que você acha do Tennessee?

— Nunca estive lá. — Disse ela, aconchegando-se contra ele.

— Eu tenho uma cabana lá. É grande. É uma casa para uma família. — Ele disse, sua mão escorregando pelo estômago dela. — É um lugar seguro. Confie em mim.

— Weston, eu confio em você. Totalmente. — Ela sentou-se lentamente. — No entanto, é um pouco cedo para falar sobre começar uma família. Devemos ter tempo para conhecer um ao outro.

— Baby, o destino nos uniu. Nós realmente não podemos mais escolher sobre as crianças. E deixe-me lembrá-la do que fizemos agora catorze vezes. — Disse ele com um sorriso sensual.

Ela sorriu.

— Eu sei, mas, Weston, eu preciso saber sobre Gale.

— Eu sei que sim. Deixe-me levá-la ao Tennessee para sua segurança, e então vamos investigar, ok? — Ele não queria dizer a ela que seu instinto o fazia acreditar que Gale tinha sido levada pelas mesmas pessoas que os atacaram no clube. Que sua amiga provavelmente estava longe de Seattle agora. E que as chances de a encontrar eram poucas. Ele não deixaria as esperanças de Paisley morrerem e cumpriria sua palavra. Ele chamaria reforço.



Capítulo Doze

Paisley sentou-se na varanda de trás do lugar que tinha começado a chamar de casa depois de três semanas estando com Weston, de estar acasalada com ele. Ela colocou as pernas embaixo dela na cadeira, tomando seu chá de menta. Sua vida tinha sido um turbilhão e ela não poderia estar mais feliz.

— Veja o que Gus encontrou. — Disse Bill, subindo os degraus da parte de trás. Ele estava vestido como um lenhador. Ele insistiu pela roupa no momento em que chegaram à cabana no Tennessee. Ele e Gus haviam ficado com ela e Weston por alguns dias, chamando esse período de férias. Weston não gostou de ter eles indo para a cabana, mas finalmente havia concordado quando Paisley admitiu que ter eles ao redor a fazia rir.

E ela precisava rir.

Notícias chegaram do paradeiro de Gale. Paisley quase chorou apenas pensando nisso. Os amigos de Weston chegaram, cada um com os olhos no chão, cheios de tristeza enquanto lhe entregavam um arquivo. Weston tinha lido e depois olhou para ela com tanta tristeza que ela já sabia o que diziam aqueles papéis.

Gale se foi. Não havia vestígios dela. Ela não se mudou com o resto da equipe do clube para New Orleans. Ninguém tinha ouvido falar dela e a palavra na rua era que ela estava morta, embora nenhum corpo tivesse sido encontrado. Paisley não queria perder a esperança, mas era difícil quando tudo e todos continuavam falando que não havia muito o que fazer.

Paisley tocou seu estômago, o chá ajudando a acalmá-lo. Ultimamente estava muito sensível. Bill segurou um recipiente com uma borboleta



enquanto Gus subia as escadas atrás dele, ele também se vestia como um homem de montanha.

— Ela é uma beleza, não é? — Bill disse sobre a borboleta.

— Ela é. — Respondeu Paisley, tomando seu chá novamente, esperando aliviar a sensação de náuseas que sentia desde que acordou.

— Você está se comportando? — Perguntou Weston quando veio para perto dela com uma carga de lenha em seus braços. O homem nasceu para viver na floresta. Ele parecia tão em casa e em paz que ela acabou amando o lugar. Ela também amava estar com ele em tempo integral e, finalmente, ela o amava.

Ele fez uma pausa, os braços cheios de madeira.

— Mulher, você é tão sexy que eu poderia comer você.

Bill balançou o dedo para Weston.

— Não coma ela, urso mal-humorado. É ruim para o bebê se você come sua mãe.

Os olhos de Weston se arregalaram e ele deixou cair o braço, madeira se espalhando pelo chão.

— O-oque?

Gus virou um círculo e fez movimentos como se estivesse tentando pegar outra borboleta.

— Ruim para o bebê. Realmente ruim para o bebê.

— Weston olhou para ela.

— Nós estamos esperando um bebê?

Ela manteve firme a xícara de chá.

— Acho que não.



Bill inclinou a cabeça, dando-lhe um olhar suave antes de suspirar. — O que você acha que foi todo o vômito esta manhã?

Ela ofegou.

Weston saltou para cima e sobre o lado do deck sem se quer suar. Ele veio direto para ela e curvou-se, sua mão indo até o estômago.

— Precisamos chamar James ou Green. — Ela conheceu tantos homens recentemente que teve dificuldade em gravar os nomes, mas ela se lembrou de James na sua primeira noite no Tennessee. Ele entrou para verificá-la, fez alguns testes e depois a deixou o dia seguinte, dizendo que sua saúde estava boa antes de ligar mais tarde na semana para confirmar a mistura de súcubo e Fae.

— Tenho certeza de que estou bem, e se estiver grávida, tenho certeza de que o bebê está bem. — Disse ela, tocando sua bochecha. Ele sempre parecia tão preocupado com ela.

— Eu amo você. — Ele disse, roubando um beijo e fazendo-a derramar um pouco de chá no braço da cadeira.

— Eu também te amo, urso rabugento.

Bill sorriu enquanto segurava a borboleta. — Quem quer ir mergulhar no rio depois do café da manhã?

Weston gemeu e fechou os olhos. — Deixe-me comê-lo, por favor.

— Não. Ele é adorável. — Bill sorriu.

— Sim, ela é doida por mim. A maioria das mulheres é.

Paisley e Weston riram, segurando-se um no outro.

Fim

